

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

RÉGIA CRISTINA CAMPOS

A CONCEPÇÃO DE CORPO NA ASSEMBLEIA DE DEUS: OBSERVAÇÕES
A PARTIR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Goiânia - GO
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A CONCEPÇÃO DE CORPO NA ASSEMBLEIA DE DEUS: OBSERVAÇÕES
A PARTIR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RÉGIA CRISTINA CAMPOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos.

Goiânia - GO
2014

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Campos, Régia Cristina.

C198c A concepção de corpo na Assembleia de Deus [manuscrito] :
observações a partir das aulas de educação física / Régia Cristina
Campos. – Goiânia, 2014.
102 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião,
2014.

“Orientadora: Profa. Dra. Joana Peixoto”.

Bibliografia.

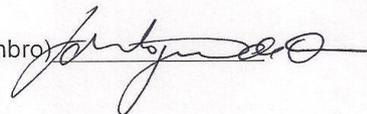
1. Assembleia de Deus. 2. Educação física. 3. Corpo. I.
Título.

CDU 2:796(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 26 DE FEVEREIRO DE 2014 E APROVADA COM A NOTA 4,5 PELA
BANCA EXAMINADORA

1) Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente) 

2) Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Membro)



3) Dr. João Pedro Gonçalves Araújo / FTBB (Membro)



Dedico esta pesquisa à minha mãe Dilma que sempre esteve comigo, me apoiando e incentivando a galgar por um caminho edificante, sendo o esteio de minha formação. *In* memoriam ao meu querido pai José, nome cheio de significados. À minha filha Júlia, minha princesinha, que me entendeu em todos os momentos em que estive ausente para estudar. À minha irmã Rosângela, uma segunda mãe, e sempre companheira. Aos meus irmãos Rose e Wendell, que sempre me incentivaram a crescer. Ao meu cunhado Carlos Francisco, resumo dizendo: um segundo pai. Ao meu cunhado Márcio, sempre apoiando meus estudos. Ao meu sobrinho e afilhado Eduardo e aos meus sobrinhos Alexandre, Isadora, Kawê, Kewin e Sarah, meus tesouros. Aos meus colegas de turma da PUC. À minha orientadora professora Dra. Carolina Teles Lemos, que aprendi a amar desde o primeiro dia de aula; que me fez e faz crescer com suas palavras e que me norteia em busca do conhecimento. Ao meu amor Lucas, pessoa incrível e especial, que chegou na reta final deste estudo e se fez companheiro.

Agradeço a Deus, Senhor da minha vida. Que me sustentou em todo tempo. Agradeço aos pastores Domingos Jacinto Luz Júnior e Célio Carlos Martins. Agradeço a todos os meus colegas de trabalho pelo incentivo e carinho. Agradeço à professora Veroneida Rodrigues de Assis, que me entendeu e me apoiou nos momentos finais deste estudo. À professora e coordenadora do mestrado Dra. Irene Dias de Oliveira pelo carinho e atenção. A todos da PUC – GO. A UEG – Quirinópolis pelo apoio. A todos os amigos pela força. A toda família pela grande torcida.

O mundo não funciona apenas com crenças. Mas
dificilmente consegue funcionar sem elas.

(GEERTZ, 2001, p.155)

RESUMO

CAMPOS, Régia Cristina. A concepção de corpo na assembleia de Deus: observações a partir das aulas de educação física. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – PUC Goiás, Goiânia, 2014.

O presente estudo investiga a concepção do corpo na Igreja Assembleia de Deus a partir de observações de aulas de Educação Física. É levantado questões sobre o Corpo na história, a trajetória da Assembleia de Deus no Brasil e a Concepção de Corpo desta instituição, partindo das investigações de documentos, com levantamentos de dados retirados das lições bíblicas do ano de 1965 a 2003. A presente pesquisa aborda o corpo na Educação Física, por ter sido a fonte inspiradora para esta pesquisa relacionado a Concepção de corpo para Educação Física e a Concepção de Corpo para a Assembleia de Deus.

Palavras-chave: Assembleia de Deus, Educação Física, Corpo, História do Corpo.

ABSTRACT

CAMPOS, Régia Cristina. The conception of the body in the assembly of God: observations from physical education classes. Thesis (MA in Religious Studies) – PUC Goiás, Goiânia, 2014.

This study investigates the design of the body in the Church Assembly of God from observations of physical education classes. It's raised questions about the Body, the trajectory of the Assembly of God in Brazil and the Design of Body of this institution, based on the investigations of documents with survey data drawn from biblical lessons of 1965 to 2003 This research addresses the body in physical education, for being the inspiration for this research related to body Design for Physical Education and the body Design for Assembly of God source.

Keywords: Assembly of God, Physical Education, Body, History of the Body.

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
INTRODUÇÃO _____	10
1 O CORPO NA HISTÓRIA _____	15
1.1 O CORPO E A RELIGIÃO _____	23
1.2 O CORPO NO CRISTIANISMO _____	32
1.3 O CORPO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA _____	36
2 A TRAJETÓRIA DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL _____	50
2.1 OS PIONEIROS DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL _____	53
2.2 A EXPANSÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL _____	61
3 A ASSEMBLEIA DE DEUS E O CORPO _____	67
3.1 OS ENSINAMENTOS À RESPEITO DO CORPO NA ASSEMBLEIA DE DEUS _____	71
4 CONCLUSÃO _____	89
REFERÊNCIAS _____	93

INTRODUÇÃO

Uma das discussões que se é debatido cada vez mais na atualidade está relacionada ao espaço que o corpo ocupa na sociedade contemporânea, pois têm-se desenvolvido de maneira significativa os estudos acerca desse assunto, tendo em sua abrangência alcançado a filosofia, a ciência, a arte, a saúde, indo desde a medicina até as ciências humanas e sociais.

O corpo na contemporaneidade tem chamado a atenção em diversos aspectos, tais como, corpo escultural, corpo “sarado”, “bombado”, corpo belo. A mídia como reflexo da indústria cultural, tem investido neste corpo “mercadoria” para o lucro de vários profissionais que utilizam diversos meios para chegarem ao chamado “corpo perfeito”.

Baptista (2007), em seu estudo *Educação do Corpo: produção e reprodução*; objetivou identificar como se estabelecem as mediações responsáveis pela determinação da forma do corpo. Demonstra que a forma do corpo é determinada pelos interesses relacionados à produção e ao consumo vigentes no modo de produção capitalista.

(...) ao invés do trabalho formar a consciência do homem, rompe com ela , pois o objetivo produzido não mais permite reconhecimento ao seu produtor. Se com Hegel é possível entender o trabalho em geral como exteriorização que não interfere negativamente na consciência do ser-em-si, porquanto o objetivo é apenas algo externo e diferente da consciência-de-si (...). (BAPTISTA, 2007, p. 50)

O homem então não mais forma uma consciência voltada apenas ao seu trabalho e sim, parte da visão em que se cria na própria sociedade, sendo ele um objeto que visa somente respostas externas, deixando de lado o seu consciente.

O belo, a ideia fixa pela qual (...) está possuída, está contra a moral antes mesmo de escarnecer dela. Pois ele volta-se obstinadamente contra todo universal e põe de modo absoluto a diferença determinada da existência pura e simples, o acaso que favoreceu uma coisa e não outra. No belo, o particular opaco afirma-se como norma, como único universal, pois a universalidade normal tornou-se demasiado transparente (ADORNO, 1993 apud BAPTISTA, 2007, p.132).

Para Baptista (2007), é correto afirmar que ser belo é uma norma, uma regra que todos devem seguir, pois se tornou um vício da própria sociedade, sendo algo tão cobiçado que já não se deixa mais esconder, algo que as pessoas querem e buscam, custando o que custar.

A mídia vende uma imagem de corpo belo, corpo perfeito, corpo padrão, e cada vez mais, devido a esta grande influencia, as pessoas passam a copiar estas ideias, pagando um alto preço para ter ser corpo igual a um astro de televisão.

A forma do corpo que a sociedade almeja é diferenciada pelos interesses de produção e de consumo.

Desde há tempos as pessoas já cultuavam o corpo, onde cada vez mais fizesse crescer essa busca de bom desempenho corporal. Hoje nos tempos contemporâneos essa busca já se tornou excessiva, voltada somente pelo “ter” um corpo perfeito atraindo a homens e mulheres de todas as classes sociais, aderindo a esta busca como uma nova maneira de vida buscando a melhoria do bem estar consigo de forma a agradar a sociedade, que se tornou uma opinião de vida que não se esconde.

O aumento da procura por jovens e adolescentes por cirurgias plásticas e/ou outros procedimentos, que envolvem: próteses de silicone nas mamas e nos glúteos, cirurgias plásticas no rosto, no corpo, lipoaspiração, tratamentos estéticos diversos, são na verdade uma explosão, um bombardeio de produtos a serem oferecidos às pessoas que querem e procuram pela beleza paga.

Neste sentido então, em meio a uma sociedade capitalista, o corpo humano apresenta-se como um dos fenômenos mais complexos e instigantes que nos possibilita o entendimento de diversos fatores que compõem o universo objetivo, pautado pela indústria cultural, e o universo subjetivo que se refere à constituição da subjetividade humana.

Entendermos a respeito desta indústria cultural (dotada de seus aparatos, tais como televisão, rádio, revistas, etc) se torna importante, para identificarmos a concepção de corpo na educação física.

Por outro lado existem algumas igrejas evangélicas que mantêm suas raízes fundadoras, conservando-se rigorosas quanto às vestimentas, aos adornos, cortes de cabelo, entre outros itens que são específicos deste grupo religioso. Por vezes, as meninas e os meninos evangélicos destes grupos, são motivos de preocupação para o professor de educação física devido à dificuldade que este tem de trabalhar

certas práticas corporais em suas aulas e estas dificuldades podem ser muito grandes, pois é justamente no corpo das crianças evangélicas que se refletem as marcas desta crença.

Esta preocupação acima apresentada se fez clara, ao perceber que, em na prática enquanto professora de Educação Física, que nem todas as crianças evangélicas deixam de praticar as atividades propostas, o que ocorre é que quando eles realizam alguns gestos e movimentos nas aulas, fazem-no de forma diferente dos outros colegas.

A diferença entre os alunos estava no modo como eles realizavam os gestos. Todas as outras crianças saltavam sobre a corda de forma muito parecida, com os dois pés sempre juntos nos saltos, e com uma desenvoltura superior àquelas alunas evangélicas, que precisavam utilizar gestos e movimentos diferentes, pés descoordenados no salto, devido à grande dificuldade em saltar por cima da corda, por causa do uso da saia.

A igreja, – e aqui não me refiro especificamente a Evangélica, mas a todos os sistemas de crenças –, é fundada a partir de dogmas que levam as pessoas a acreditarem que alguns gestos ou movimentos são inadequados, devendo assim ser evitados. O uso da saia, no caso citado, limitava os movimentos das meninas, dificultando o uso do corpo e restringindo suas gestualidades. O fato de morar em uma cidade do interior do estado de Goiás, me fez verificar que se torna mais restrito os costumes das igrejas evangélicas, e que não torna exclusivos os costumes somente das cidades do interior.

O que pressupus inicialmente é que a educação religiosa interfere e, por vezes, determina as ações e os comportamentos dos indivíduos o que se aplica, também, ao uso e à construção do corpo do fiel. Isto se deve a um conjunto de atitudes permitidas ou não, ensinadas ou não, de acordo com as crenças de cada religião.

Notei o quanto a cultura religiosa influencia no uso das “técnicas corporais” e na educação dos corpos. E quando me refiro aqui e no decorrer de todo o texto a “técnicas corporais”, estou utilizando o termo no sentido dado por Mauss (2003). Quando o autor se refere a “técnicas corporais” não está se referindo apenas às técnicas que são aprendidas em uma aula de Educação Física, nos quartéis militares ou nas academias de ginástica. Ele quer falar sobre algo mais amplo.

O autor usa o termo técnicas do corpo para explicar os gestos e os modos de agir de cada indivíduo os quais são decorrentes de sua vida em determinada sociedade. Ele reforça a ideia que por meio da tradição, do costume do grupo que vive, é que se expressa a técnica corporal, “[...] não há técnica e não há transmissão, se não houver tradição” (MAUSS, 2003, p. 407).

Nas igrejas de uma forma geral, há a utilização das técnicas corporais em seus mais diferentes estilos. Nas igrejas evangélicas, o corpo, se manifesta com o erguer as mãos, o ato de se ajoelhar para fazer uma oração, entre outros.

Na América Latina, o Brasil se destaca como o país com o maior número de evangélicos, afirmado pelos dados do IBGE de acordo com o Censo Demográfico do ano de 2010. Dentre os cerca de 42 milhões de evangélicos no Brasil, a Igreja Assembleia de Deus abriga, sozinha, 12.314.410 de todos eles. Os dados do censo realizado no país demonstram que a população “migrou” de outras religiões e, principalmente, da Igreja Católica para as Igrejas Evangélicas Pentecostais (IBGE, 2010).

Tendo em vista este aumento de seguidores evangélicos no país, fica evidente também o aumento do número de alunos nas escolas brasileiras que pertencem a esta religião. Isto traz à tona a diversidade cultural e, neste caso, a diversidade religiosa, a qual engloba maneiras diferentes de lidar com as crianças no âmbito educacional. Temos numa única sala de aula, alunos que pensam, sentem e agem de formas diferentes não só por suas histórias de vida, de modo geral, como também por suas histórias religiosas.

Os fiéis de algumas igrejas evangélicas possuem características marcantes: roupas típicas, modos de cortar e de pentear os cabelos além de outros aspectos corporais facilmente perceptíveis.

Foi a partir desta ascendência no número de evangélicos na população brasileira, principalmente na Igreja Assembleia de Deus e do pressuposto inicial de que a religião influencia na educação do corpo dos indivíduos religiosos, observados nas aulas de educação física, que dei início a esta pesquisa.

Entendo que são estas características corporais educadas pela Igreja que chegam até a escola através dos alunos, implicando numa reflexão de professores e pesquisadores sobre o assunto.

Dentre as várias igrejas evangélicas existentes, irei verificar somente documentos textuais, extraídos das revistas da Escola Bíblica Dominical, num

período de 1965 a 2003, publicada pela Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD), devido a maioria dos alunos em que eu ministrei aula, participarem desta igreja.

Portanto, a identificação sobre: Qual é a concepção de corpo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, problematiza esta pesquisa.

O capítulo um levanta questões do corpo na história, na religião e na Educação Física.

O capítulo dois traz relatos da história da Assembleia de Deus no Brasil, os pioneiros e a expansão desta instituição.

No capítulo três, fala sobre a concepção de corpo na Assembleia de Deus, de acordo com revistas publicadas por esta denominação, no período de 1965 à 2003.

1 O CORPO NA HISTÓRIA

O corpo ao longo da história, apesar de ter ganhado várias definições nesta trajetória, teve influência de diferentes ideologias, as quais o apresentaram como instrumento para realização de nobres tarefas, ou de fato, sendo colocado em segundo plano, segundo Daólio (2007).

Historicamente, o corpo foi vivido e definido sob diferentes óticas sendo valorizado algumas vezes, mas em outras, não. Já foi apresentado como ameaça à forma de poder da época, como “morada” do pecado ou simplesmente como um instrumento para o trabalho.

O corpo sempre teve sua relevância e suas possibilidades de expressão nos primeiros registros de vida humana. Também ao longo da história da humanidade, um dos objetos de observação, de experiências e de estudos foi o corpo, o qual também foi visto por muito tempo como meio de sobrevivência e execução de tarefas.

Para BAPTISTA (2013 p. 17),

A discussão a respeito do corpo vem da Antiguidade. Já se fazia esta discussão na Grécia com autores como Sócrates e Platão e esse debate passou pelo período medieval com Santo Agostinho e São Tomás de Aquino e alcança a modernidade com uma série de autores que fazem análise sobre este tema, entre os quais podemos destacar Descartes e Merleau-Ponty para mencionar apenas alguns. As discussões elaboradas são distintas e várias delas deixam as suas marcas até a contemporaneidade.

Ficou evidente que na pré-história o ser humano se expressava por meio do corpo, tendo então sua própria concepção, devido a sua relação holística com a natureza. As danças, os esportes tiveram nesta época o ponto de partida. Para a pesca eles nadavam, também corriam, saltavam atrás dos animais para caçar, etc. Manifestavam-se por meio de danças perto das fogueiras, por vários motivos, inclusive quando choviam. Desde muito cedo o corpo carrega suas manifestações culturais.

Chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com a roupagem metafórica dos códigos morais, dos tabus, das proibições e dos sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento. (PORTER, 1992, p. 325).

Este texto demonstra a intenção de Porter (1992) em nos fazer entender que as diferentes sociedades, as diversas culturas e modos de vida, e os mais diversos aprendizados presentes em nosso cotidiano e em nossas relações com os outros seres humanos são todas formas de educação que repousam sobre os nossos corpos.

A forma como a religião propõe nas vestes e adornos dos corpos dos fiéis deixam marcas em suas técnicas corporais. Gestos se tornam representações de valores, princípios e proibições aprendidos na igreja.

Para (GONÇALVES, 1994, p.41),

Dentro da visão transcendente, que envolveu o pensamento metafísico ao longo de sua evolução, a problemática da corporeidade reduziu-se essencialmente à união entre corpo e alma e à relação entre sensível e o inteligível.

No período da antiguidade grega, já surgiram os preceitos que orientam a sociedade ocidental moderna. De acordo com GONÇALVES (2004), foi deste período que veio a visão dualista do homem, separando-o em corpo e alma, e também a valorização do pensamento em relação à intuição, do universal em relação ao individual e da razão em relação ao sentimento.

Ficou evidente para Platão, que o homem se dividia em dois tópicos: “corpo e alma”, e que estava em contato com duas realidades diferentes GONÇALVES (2004). Também Platão menciona que o corpo e alma jamais puderam estar ligados, o corpo atenderia a vontade, os desejos da carne, e a alma atenderia as necessidades da perfeição eterna, sendo o corpo responsável pela não manifestação do verdadeiro bem que a alma pudesse contribuir.

A dicotomia corpo-alma já aparece no pensamento grego no século V a.C., com Platão, que parte do pressuposto de que a alma, antes de se encarnar, teria vivido no mundo das ideias, onde tudo conheceu por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar usar os sentidos (...) (ARANHA; MARTINS, 2003; p.326).

GONÇALVES (2004), diz que “Platão mesmo sendo atleta, teve forte influência de seu mestre Sócrates que considerava os cuidados com a alma mais importantes do que os cuidados com o corpo”.

Ainda ressalta que,

A relação de Platão com seu mestre determinou sua concepção de corpo e alma. Ele afirmava que apesar do homem pertencer a essas duas realidades, era necessário libertar-se do corpo e ligar-se à alma que era eterna, superior ao corpo e perfeita. Essa concepção dualista de homem percorreu a história e, apoiando-se no pensamento cartesiano, ainda está presente na sociedade contemporânea (GONÇALVES, 1994, p.42).

Aristóteles, ao contrário de Platão, não considerava o corpo como algo essencialmente ruim, como o cárcere da alma, já que “na constituição da natureza humana, a alma está presente como a forma, e o corpo, como a matéria” (MONTEIRO, 2009 *apud* GONÇALVES, 2004, p. 8), formando, dessa forma, uma unidade. Neste sentido, Gonçalves (1994, p.42) diz: “(...) O corpo, com suas inclinações e paixões, contamina a pureza da alma racional, impedindo-a de contemplar as ideias perfeitas e eternas (...)”.

Na Idade Média, o corpo era considerado o centro dos acontecimentos onde por sua vez era ligado a três características fundamentais da época: noção de tempo, de personalidade e de economia, sendo elas funções ligadas diretamente ao corpo. Mas devido a grande influência da igreja houve um desprestígio que toda e qualquer preocupação com o corpo tivera sido proibida (RITTNER *apud* GONÇALVES, 1994, p.18).

O período medieval foi a época em que se formou a Europa cristã, foi o tempo da igreja e do cristianismo. GONÇALVES (2004, p.10) relata:

[...] uma longa e complexa época de profundas transformações, geográficas, sociais, políticas, mas também econômicas e culturais que, embora agregadas em torno da mensagem cristã posta como cimento espiritual de toda esta época, manifesta alguns efeitos que terão uma longa duração e estarão no centro também da época moderna, constituindo até sua estrutura fundamental.

Pode-se dizer que nessa época, houve uma forte influência do Cristianismo, já que a Igreja era considerada a representante de Deus na Terra.

A Igreja determinava a cultura, os costumes, os mitos e as tradições, dominando, inclusive, o corpo do homem, considerado o maior responsável por todos os pecados. O corpo estava diretamente associado à sexualidade, o que era motivo de preocupação para a Igreja. Sendo assim, a Igreja determinava diversos castigos corporais aos homens, pois acreditava que através desses flagelos a alma ganharia o céu (BRAUNSTEIN; PÉPIN, 1999 *apud* MONTEIRO, 2009, p.13).

Ainda MONTEIRO (2009, p. 14), comenta que,

Para o cristianismo, o corpo era considerado algo impuro, relacionado à culpa, ao pecado e local das intenções do demônio, devendo ser purificado com castigos físicos e disciplinado de tal maneira que se tornasse digno de armazenar a alma, que era tida como pura. Os cristãos entendiam que o corpo não era apenas razão, mas também sentimentos, entretanto, a dicotomia corpo e alma continuavam presente, reforçando a ideia de que o corpo é a parte impura do ser humano e a alma a entidade mais importante.

O homem por sua vez, já nascia submetido a tais condições de vida, sendo ele obrigado acatar a ordem dada, sem quaisquer possibilidades de expor seus impulsos e desejos individuais. Tendo assim uma maneira de viver e sobreviver, o homem visto como objeto sem qualquer outra necessidade a não ser a básica.

(...) o corpo era considerado inferior, nem por isso deixava de ser criação divina, o que envolvia num véu de sacralidade. Durante esse período havia proibições expressas da Igreja quanto à dissecação de cadáveres, considerada um ato sacrílego por tentar desvendar o que Deus teria ocultado de nosso olhar. (ARANHA, MARTINS, 2003, p.327)

Já a concepção de corpo no período Renascentista e na Idade Moderna, o homem passa a ter noções de poder, tendo liberdade de agir conforme suas próprias vontades, deixando de produzir apenas para suas necessidades básicas partindo para o trabalho voltado ao valor da mercadoria. Começa-se aí a valorização dos trabalhos dos artesões, quando o nu é destaque por vários pintores famosos havendo uma redescoberta do corpo. “(...) Leonardo da Vinci conseguia às escondidas, cadáveres para os estudos de anatomia e que serviam de base aos seus esboços e pinturas” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 328). Segundo GONÇALVES (1994, p.24),

Lado a lado com o progressivo distanciamento entre a atividade do homem com expressão de sua totalidade e o produto de sua atividade, com a manipulação no trabalho e nas instituições, com o objetivo de discipliná-lo, caminham o racionalismo e instrumentalização, que se revelem nas relações do homem contemporâneo com sua corporalidade.

Pela tão longa desvalorização do corpo o homem contemporâneo passa a idolatrar demasiadamente o próprio corpo, como podemos afirmar com as ideias de ARANHA e MARTINS (2003, p. 332):

(...) de forma cada vez mais impositiva, extrapolando as boas intenções de garantir a saúde, o bem estar e a beleza, para resvalar na tirania dos regimes, do controle quase religioso da alimentação, dos exercícios modeladores, das massagens, das técnicas alternativas, do desenho do corpo por meio de plásticas que não terminam nunca. Trata-se da juventude e da beleza pelas gerações que têm medo de envelhecer e morrer.

Isso nos faz lembrar o Narcisismo que provém da mitologia grega, a paixão por si próprio, a vaidade e o egocentrismo. Essa busca incessante que faz com que o homem seja ainda mais individualista, vivendo somente pra si em busca de seus desejos “movido pela ânsia de consumo numa sociedade hedonista e permissiva” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 332).

Portanto podemos observar que tinha dois tipos de homem desde o princípio: um que acha que tem o direito de explorar, e o outro que achava que não

tinha o direito de reagir às ordens dadas. Mas ressalto que essa relação ainda não se dissolveu e que o homem ainda continua escravo do seu próprio corpo.

A mídia como reflexo da indústria cultural tem investido neste corpo “mercadoria”, para o lucro de vários profissionais que utilizam diversos meios para chegarem ao chamado “corpo perfeito”.

A indústria cultural pode ser entendida como um instrumento de pressão da sociedade sobre o indivíduo através da utilização de elementos culturais que se tornam acessíveis pelo cinema, pela televisão e por outros meios de comunicação de massa. Esses são utilizados como formas de cooptarem os indivíduos para uma atuação de acordo com os interesses e as necessidades do modo de produção, fazendo a lógica industrial prevalecer não apenas nos momentos de trabalho, como também nas horas de repouso de cada pessoa. (BAPTISTA, 2001, p. 74)

Sobre a indústria cultural BAPTISTA (2013, p.192) ainda ressalta que,

A indústria cultural conforme vem sendo discutido, é um dos mecanismos mais avançados utilizados pelo modo de produção como forma de garantir a sua condição de produção e reprodução. A sua capacidade de convencimento é usada pelo capitalismo para garantir as condições necessárias à sua produção e reprodução simultâneas, embora existam outras estratégias eficientes, como a família. A indústria cultural se torna mais eficiente porque ela pode: 1) abranger uma maior quantidade de pessoas simultaneamente e 2) a própria racionalidade tecnológica propiciada pelo capitalismo é adotada em larga escala por ela, permitindo, ao mesmo tempo, garantir a instrumentalização da razão no meio social e demonstrar as benesses dos avanços da tecnologia, apresentando-os como progresso sempre positivo. [...] um dos elementos inerentes ao funcionamento da indústria cultural é a dependência da tecnologia, dos avanços técnicos e do aprimoramento científico, os quais facilitam o processo produtivo.

A indústria cultural faz, no entanto, com que as pessoas comprem a imagem que está sendo vendida pela mídia. Ela se torna uma verdadeira fábrica, que vende seu produto e influencia as pessoas em diversas áreas. BAPTISTA (2013, p. 193) diz:

O processo de desenvolvimento da ciência e da tecnologia são fatores importantes no processo de produção. Esta é a mesma lógica da indústria cultural, por ser ela própria uma fábrica. A diferença central se restringe ao

tipo de mercadoria produzida. Enquanto uma fábrica de eletrodomésticos produz geladeiras e liquidificadores, a indústria cultural produz os mais variados tipos de espetáculos a serem consumidos, como as transmissões esportivas, os programas de TV, as novelas, os livros, os CDs e os artistas com seus estilos aparentemente diferenciados. [...] a indústria cultural atua nas duas pontas do processo. De um lado, na produção, na recepção, no planejamento e na direção dos bens de consumo e, de outro lado, na reprodução do sistema, atingindo a vida dos indivíduos, tornando inevitável a massificação de certos bens de consumo. Entre os objetivos da indústria cultural, pode-se identificar a massificação amparada na capacidade tecnológica de cada período histórico. Quanto mais avança a tecnologia, mais se torna fácil massificar as mercadorias.

Podemos observar, no entanto que a indústria cultural influenciou no modo de vida das pessoas. BAPTISTA (2013, p.198) comenta que,

o indivíduo se converte em uma mercadoria padronizada de caráter universal, transformando integralmente a sua capacidade e apontando para o fato de só ser possível certa diferença se houver de maneira mais ampla a semelhança entre as pessoas, pois não é possível neste modelo de sociedade escapar da lei do grande número.

Em seu estudo Educação do Corpo: produção e reprodução, Baptista (2007), objetivou identificar como se estabelecem as mediações responsáveis pela determinação da forma do corpo. Fez um trabalho teórico, que teve como referencial Marx, Adorno, Horkheimer e Lukács. Demonstra que a forma do corpo é determinada pelos interesses relacionados à produção e ao consumo vigentes no modo de produção capitalista.

(...) ao invés do trabalho formar a consciência do homem, rompe com ela, pois o objetivo produzido não mais permite reconhecimento ao seu produtor. Se com Hegel é possível entender o trabalho em geral como exteriorização que não interfere negativamente na consciência do ser-em-si, porquanto o objetivo é apenas algo externo e diferente da consciência-de-si (...). (BAPTISTA, 2007, p. 50)

O homem então não mais forma uma consciência voltada apenas ao seu trabalho e sim, parte da visão em que se cria na própria sociedade, sendo ele um objeto que visa somente respostas externas, deixando de lado o seu consciente.

O belo, a ideia fixa pela qual (...) está possuída, está contra a moral antes mesmo de escarnecer dela. Pois ele volta-se obstinadamente contra todo universal e põe de modo absoluto a diferença determinada da existência pura e simples, o acaso que favoreceu uma coisa e não outra. No belo, o particular opaco afirma-se como norma, como único universal, pois a universalidade normal tornou-se demasiado transparente. (ADORNO, 1993 apud BAPTISTA, 2007, p.132)

Para Baptista (2007), é correto afirmar que ser belo é uma norma, uma regra que todos devem seguir, pois se tornou um vício da própria sociedade, sendo algo tão cobiçado que já não se deixa mais esconder, algo que as pessoas querem e buscam, custando o que custar.

A mídia vende uma imagem de corpo belo, corpo perfeito, corpo padrão, e cada vez mais, devido a esta grande influência, as pessoas passam a copiar estas ideias, pagando um alto preço para ter ser corpo igual a um astro de televisão.

A forma do corpo que a sociedade almeja é diferenciada pelos interesses de produção e de consumo. BAPTISTA (2013, p. 207)

o corpo é uma mercadoria importante para a indústria cultural, devido à sua capacidade de se conectar com a produção e o consumo dentro do modo de produção. Este fato é justificado por dois motivos centrais. Primeiro o corpo é uma mercadoria a ser melhorada como força de trabalho, sendo um produto e um produtor deste processo. Segundo, o corpo é um consumidor em potencial dos diferentes produtos e necessidades oferecidos pela indústria cultural. [...] Os corpos são consumidores para cada tipo e qualidade de produto, tendo-se em vista o interesse pelo corpo como um instrumento saudável para atender a determinados padrões. Ao mesmo tempo, ele é consumido em sua força de produção no espaço de trabalho e como produto a ser transformado no tempo livre.

Desde há tempos as pessoas já cultuavam o corpo, onde cada vez mais fizesse crescer essa busca de bom desempenho corporal. Hoje essa busca já se tornou excessiva, voltada somente pelo “ter” um corpo perfeito atraindo a homens e mulheres de todas as classes sociais, aderindo a esta busca como uma nova maneira de vida buscando a melhoria do bem estar consigo de forma a agradar a sociedade, que se tornou uma opinião de vida que não se esconde.

O aumento da procura por jovens e adolescentes por cirurgias plásticas e/ou outros procedimentos, que envolvem: próteses de silicone nas mamas e nos glúteos, cirurgias plásticas no rosto, no corpo, lipoaspiração, tratamentos estéticos diversos,

utilização de cremes rejuvenescedores, entre outros, são na verdade uma explosão, um bombardeio de produtos a serem oferecidos às pessoas que querem e procuram pela beleza paga.

Neste sentido então, em meio a uma sociedade capitalista, o corpo humano apresenta-se como um dos fenômenos mais complexos e instigantes que nos possibilita o entendimento de diversos fatores que compõem o universo objetivo, pautado pela indústria cultural, e o universo subjetivo que se refere à constituição da subjetividade humana.

Podemos notar, então, que a Indústria Cultural surgiu a fim de trazer novas tecnologias para aumentar o meio capitalista utilizando de artifícios que de fato tem o poder de englobar as pessoas, e através do que mais se busca nos dias de hoje, que é a perfeição estética, algo que vem crescendo para a conquista desse objetivo. E o meio influenciador de principal importância para o crescimento desse padrão de corpo perfeito nada mais é que a mídia.

Em nossa sociedade, os “modelos” de corpo também são de certa forma, padronizados, não somente pela sociedade da beleza, mas também, por grupos religiosos. E esta sociedade que zela pela “pureza da alma” tem aumentado a cada dia, principalmente entre os grupos pentecostais das denominações clássicas.

1.1 O CORPO E A RELIGIÃO

A religião e o corpo compõem a história da humanidade. Como diz GEERTZ, (2001, p.155), “O mundo não funciona apenas com crenças, mas dificilmente consegue funcionar sem elas”.

Abordaremos a respeito das ideias de Durkheim e de Mauss, e o que elas significaram aos estudos da religião e do fenômeno religioso em suas origens, e de igual forma as contribuições de Geertz, que deixam claro a importância de se perceber o significado que os fenômenos têm e suas transformações ao longo dos anos, na sociedade contemporânea e suas relações com o corpo.

As contribuições de Durkheim são riquíssimas, porque ele percebia o homem como um ser social, e que o homem é duplo:

Há dois seres nele: um ser individual, que tem sua base no organismo e cujo círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade (DURKHEIM, 1996, p. 23).

Ainda DURKHEIM (1977, p.2) comenta que,

(...) se vê a religião como uma espécie de especulação sobre um objeto determinado, então que ela consiste num sistema de ideias, exprimindo, mais ou menos adequadamente, um sistema de coisa, mas antes de tudo a religião supõe a ação de forças que elevam o indivíduo acima dele mesmo, que o transportam para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência profana, e que o fazem viver uma vida muito diferente, mais elevada e mais intensa.

Por outro lado, o sobrinho de Durkheim, Marcel Mauss, foi conhecido como o “pai da etnologia” na França. Ele ressalta a importância de se estudar o homem levando em conta os fatos sociais. RIGONI (2008, p. 21) cita que,

Mauss sobrepõe a teoria de Durkheim a respeito do homem, no momento em que diz que o homem deve ser estudado a partir do que ele chamou de “homem total”, que é preciso entender o homem em sua totalidade, para isso não é possível ver o homem somente como um conjunto de sistemas biológicos, e sim como alguém que preenche a existência humana de significados. Significados estes que são frutos tanto de dimensões sociológicas, quanto psicológicas e fisiológicas. Assim, o homem duplo de Durkheim passa a ser visto a partir da tríplice abordagem maussiana. Mas ambos concordam que os comportamentos dos indivíduos são “formulações coletivas”, norteadas pela sociedade.

Mauss e Durkheim foram uns dos maiores contribuintes para o estudo das religiões. Os elementos imprescindíveis na religião para Durkheim são as crenças e os ritos, pois afirma que religião é um sistema articulado entre crenças e ritos, onde não tem crença se não tiver rito, e não tem rito se não tiver crença.

Para Durkheim a religião é extremamente social, não porque as pessoas oram juntas, mas porque as categorias são universais. Ele se refere a estas categorias, como aquelas que são construídas milenarmente por diversas culturas, como o

tempo, espaço, gênero, número, causa, substância, personalidade, e que as pessoas acreditam no conteúdo sagrado das categorias.

Durkheim também diz que as pessoas creem no conteúdo sagrado das categorias, que tem como atributos, significado, poder e luz. Já o profano tem significado diluído, é insosso, é o cotidiano, a rotina.

No entanto, o rito vem de forma sobressalente no que tange o sagrado e o profano, pois é ele (rito), que mantém o sagrado como sagrado e o profano como profano.

Vemos então que segundo Durkheim, a religião vem dar significado para as pessoas. E o que incomoda o ser humano é o profano, e não o sagrado. O sagrado já tem significado em si, mas o profano é insulso. A religião existe para ajudar as pessoas a encontrar um sentido para o profano, para que o profano seja suportável. Fala também sobre a consciência coletiva, sendo o conjunto de normas, regras, ritos, práticas, que regem sobre os diferentes elementos que compõem e estruturam a sociedade. Que a sociedade é sociedade pela força moral. E conhecendo-se a religião profundamente, se conhece a sociedade profundamente. Durkheim (1996) afirma que a religião pertence à sociedade e por isso, ela exprime o real. Para algumas pessoas, certos rituais religiosos são estranhos, mas é necessário observar debaixo do símbolo que ele representa.

Mas, debaixo do símbolo, é preciso saber atingir a realidade que ele figura e lhe dá sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social (DURKHEIM, 1996, p. 7).

Ao longo dos anos a religião sofreu várias mudanças, pois por trás dos ritos existem realidades significativas traduzidas pelas necessidades humanas, e estas também sofreram mudanças. Hoje, esta necessidade não se configura apenas na busca da salvação da alma, mas também no que o fiel faz e recebe ainda em vida, ou seja, a necessidade se tornou mais imediata do que era nos estudos feitos por Durkheim. RIGONI (2008, p. 26) também comenta sobre Durkheim,

Mas o mais importante, segundo ele, é que a religião é verdadeira por traduzir uma necessidade humana, visto que são justamente estas necessidades que fazem com que o homem crie motivos para justificar sua crença. Mais do que isso, ao taxar algo como “errado” ou “certo”, contradiz a ideia do “significado” que as coisas têm para cada um. Pois, exatamente estes motivos “criados” pelo homem e dotados de significados por ele mesmo é que dão à religião seu aspecto verdadeiro como fato social. É bom esclarecer que para Durkheim a religião é vista como um fenômeno social, no qual as crenças dos homens só se explicam por terem significados especificamente humanos investidos em seus conceitos.

Durkheim (1996) diz que todas as crenças supõem uma classificação das coisas em “reais” ou “ideais” e que, para ele, estão ligadas ao profano e ao sagrado, respectivamente. Também diz que a divisão entre sagrado e profano traduz bem o pensamento religioso. Assim sendo, teríamos os homens como profanos e, portanto, reais, e os deuses como sagrados e, portanto, ideais. Os ritos, por sua vez, são responsáveis pela comunicação entre ambos. Assim como não há sociedade conhecida sem religião, também não existe nenhuma sociedade em que não se encontre um sistema de representações coletivas que dizem respeito à alma, à sua origem e a seu destino. E a crença na imortalidade das almas é a única maneira que o homem possui para explicar a si mesmo o fato que não pode deixar de chamar sua atenção que é a perpetuidade da vida do grupo. É importante deixar claro que para Durkheim há realmente uma parte de nós mesmos a qual não está colocada sob a dependência imediata do corpo. É o que os povos australianos chamavam de alma, mas que para o autor, é tudo que em nós representa a sociedade. No entanto, fica difícil utilizar esta ideia para as religiões de hoje, pois o fato de o corpo ser educado e vigiado é um sinal de que a alma está totalmente ligada a ele e em sua dependência, comenta Rigoni (2008).

O que o autor quis dizer é que para as crenças religiosas o homem é formado por duas partes distintas que se opõem uma à outra e que, obviamente, uma hierarquia é formada nesta classificação, pois uma das partes é melhor e superior à outra. Esta parte superior seria o divino que existe em nós. Hoje, a ideia de profano e de sagrado se modificou. O corpo e as coisas do mundo, que antes eram consideradas profanas, continuam sendo, para os membros da Assembleia, a parte de nós que está mais próxima do pecado e das tentações. Mas já não existe nada de profano em, por exemplo, preocupar-se com bens materiais e conforto, que são tidos como coisas “mundanas”. As religiões se tornaram mais imediatistas e preocupadas com o “agora”. Continuam enaltecendo a alma como sempre o fizeram, mas não estão mais diminuindo a importância do corpo e das coisas materiais (RIGONI, 2008, p. 29).

Indo para uma reflexão de Mauss, ele defende a ideia a respeito da prece que é a junção do mito (crença), com o rito. Para ele, mitos são sinais, são narrativas, que comprovam o poder de Deus. E que rito expressa palavra, sentimentos, gestos e posturas.

Os ritos religiosos para Mauss são atos tradicionais eficazes, que versam sobre coisas sagradas e tem mediação. E o rito mágico é a não recorrência dos outros entes, não tem mediação.

Os dois autores retratam em suas obras de uma educação mediada pela sociedade. Mas enquanto Durkheim diz que o homem é fruto desta sociedade (normatizado por ela), Mauss “abre mais uma porta” quando vem discorrer sobre “tradição”. Isto nos faz perceber que o homem é educado de acordo com diversos costumes (tradições) da sociedade na qual está inserido, o que não significa que ele irá se tornar um modelo igual a todos os outros homens que fazem parte desta mesma sociedade. Mauss (2003) entende que os fatos sociais devem ser vistos como totais, pois eles põem em ação a totalidade da sociedade e suas instituições, ou seja, são totais porque envolvem fenômenos de diversas ordens: jurídico, econômico, religioso, estético, etc.

Durkheim (1996, p.18) pontua que a religião não pode ser vista como uma espécie de entidade indivisível, pois, na verdade, ela é um todo formado de partes. “[...] é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias”.

Olhando e pensando mais de perto a religiosidade dos dias atuais, em seus estudos sobre a religião, Geertz, interpreta a dimensão cultural da análise religiosa.

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me ateno não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p.103).

Ele faz uma relação entre o significado da palavra religião e o conceito de cultura. A religião justamente faz parte deste padrão de significados (dogmas e crenças) que são transmitidos no decorrer do tempo, de geração a geração e, nele, vemos incorporadas diversas formas simbólicas (santidades, deuses, demônios, ritos, sacrifícios), que se constituem em códigos através dos quais os fiéis podem se comunicar. “Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos”. A cultura é um contexto, dentro do qual estes acontecimentos e comportamentos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, de forma densa, Geertz (1989, p.24).

Para Geertz (1997, p.29), “o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las”. Acreditando nisso fica mais fácil entender aqueles indivíduos que pensam e concebem o mundo de maneira diferente da nossa.

Podemos entender a religião como uma das várias formas de expressão da cultura que, por sua vez, é repleta de símbolos e norteia as ações e os comportamentos daqueles que nela se inserem. “Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro” (GEERTZ, 1989, p.104). Ou seja, os símbolos religiosos que formam o *ethos* de um povo são adquiridos a partir do momento em que este povo decide aceitar tais símbolos como importantes, dando veracidade a uma crença.

Diante de tudo isto, sabemos que a religião é um fenômeno significativo nas sociedades e se percebe que ele tem ação direta sobre o corpo, educando os gestos do indivíduo religioso. Gestos e comportamentos religiosos evidenciam a tentativa de moralização do corpo. Cria-se uma gestualidade tipicamente religiosa. Os fiéis aprendem, desde muito cedo, que existem gestos religiosos (puros) e gestos profanos.

O corpo, no entanto, sempre foi submetido aos desígnios divinos. Estes desígnios referem-se a diversos aspectos, como aspectos de saúde, a cura de doenças mediante a vontade de Deus, questões de gênero, etc. A religião de fato educou homens e mulheres de formas distintas, isto se deve em parte à educação

religiosa, que é, desde os primórdios (institucionalizada ou não), um dos símbolos mais fortes presentes na vida humana.

Podem-se levantar discussões sobre o corpo em vários aspectos e em várias áreas. Fazendo uma reflexão no âmbito das igrejas, o corpo e alguns gestos têm ação direta, como o ato de se levantar e de se ajoelhar nos momentos corretos, as posições da mão no momento da oração, o jejum antes de algum ritual, etc. Outros agem sobre o corpo de forma indireta, como as roupas que alguns fiéis precisam usar; os sermões que levam o fiel a modificar comportamentos e outros. Percebe-se que o corpo é sempre influenciado, independente dos rituais agirem de forma direta ou indireta.

Isto forma um conjunto de atitudes que foram educadas ao molde de um determinado grupo (neste caso um grupo religioso), e a isso Mauss (2003) chamou de técnicas corporais. Aproximando de algo que é a vontade de Deus, os religiosos fiéis exteriorizam variados rituais e modificam suas condutas de comportamentos. Isto está intimamente ligado ao uso do próprio corpo, Rigoni (2008).

Neste sentido, temos um corpo que depende de ações e comportamentos ou, ainda como Mauss (2003) apud Rigoni (2008) prefere chamar, temos um corpo que depende de “técnicas corporais” que sejam desejáveis a Deus, um corpo que por estes motivos precisa ser educado e construído a partir dos moldes de uma determinada crença.

Para Mauss (2003) apud Rigoni (2008), toda técnica tem sua forma e se aprende lentamente. O autor diz que o mesmo vale para toda a atitude do corpo, ou seja, as pessoas aprendem gestos lentamente, de acordo com os hábitos da sociedade durante toda a vida. O mesmo autor estava atento para as diferenças de comportamento decorrentes da cultura. Ele dizia que os indivíduos davam sentidos e significados diferentes às suas ações e que isto era explicado pela cultura em que eram educados.

Enfatizando então Mauss, e o tornando uma referência importante para esta pesquisa, é justamente o fato de ele inaugurar o estudo sobre o corpo e suas técnicas como algo não determinado só biologicamente, mas também socialmente.

Há um estudo que chamou a atenção de Mauss e não por acaso. Este estudo falava sobre o aprendizado do nado, mas não sobre os aparatos biológicos do movimento. O artigo deixava de lado a “natureza” para demonstrar um interesse

histórico e etnográfico da questão. O autor (que Mauss não cita a referência) falava sobre as mudanças que se podiam observar na maneira de ensinar o nado.

conta de forma descontraída como ele aprendeu a nadar e diz que na sua época era costume engolir água e depois cuspi-la. Pois os nadadores se consideravam, em meu tempo, como espécies de barcos a vapor. E, o mais importante de tudo, o autor complementa dizendo: Era estúpido, mas, enfim, ainda faço esse gesto: não consigo desembaraçar-me de minha técnica (MAUSS, 2003 apud RIGONI, 2008, p. 55).

A mesma coisa, podemos observar nas técnicas corporais aprendidas pelos fiéis das diversas religiões, técnicas estas que não são fáceis de modificar. Mauss (2003) cita ainda diversas técnicas corporais que são aprendidas socialmente. A própria maneira de andar é um exemplo. Ele crê que pode reconhecer uma jovem que foi educada num convento, assim como reconhecer o andar de uma moça francesa que é diferente do andar de uma moça inglesa. Outro exemplo dado pelo autor é a posição das mãos em repouso, algumas são convenientes, outras não. Citemos um ótimo exemplo dado por este autor:

Assim, podeis adivinhar com certeza, se uma criança conserva a mesa os cotovelos junto ao corpo e, quando não come as mãos sobre os joelhos, que ela é inglesa. Uma criança francesa não se comporta mais assim: abre os cotovelos em leque e os apoia sobre a mesa, e assim por diante (MAUSS, 2003, p.404).

Tudo isto também pode ser observado nas diferentes religiões. Para o autor, um simples gesto que se faz com as mãos (e que é diferente de uma religião para outra) durante uma oração religiosa, é efetuado numa série de atos montados. “[...] e montados no indivíduo, não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa” MAUSS (2003, p.408). É por isso que entendemos quando o autor fala que o corpo e suas técnicas estão ligados a símbolos morais.

Os aparatos de um gesto podem ser mecânicos, anatômicos, mas o que ele representa é simbólico e, portanto, cultural. Deste modo, também os gestos dos fiéis aprendidos na igreja podem ser chamados de “técnicas do corpo”, visto que para MAUSS (2003, p. 401) as técnicas corporais são “as maneiras pelas quais os

homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. Os frequentadores de uma determinada Igreja, por exemplo, aprendem gestos específicos dentro de padrões determinados de comportamento.

Quando digo “determinados” não estou dizendo que isto acontece de maneira obrigatória e, sim, de forma sutil e talvez totalmente inconsciente de acordo com a crença e a herança de um grupo específico.

Tendo em vista o tema deste estudo, percebo que mesmo numa época em que se tenta liberar o corpo a todo custo das privações que ele sofreu ao longo da história, a religião (algumas mais do que outras), insiste em tentar controlá-lo. Apesar de alguns estudiosos afirmarem que a religião não possui a mesma força que dispunha em outras épocas, no âmbito da pesquisa, ela não está “fora da jogada” como corremos o risco de pensar. É Geertz (2006) quem anuncia a “volta da religião” referindo-se ao fato de ela não ter sido esquecida e nem deixada de lado nas pesquisas científicas.

De certa forma, o corpo sempre foi submetido aos desígnios divinos. Estes desígnios referem-se a diversos aspectos, como aspectos de saúde, a cura de doenças mediante a vontade de Deus, questões de gênero, etc. A religião sempre educou “homens” e “mulheres” de formas distintas. Não são poucos os textos que, apesar de tentarem demonstrar o contrário, apontam para certa inferioridade feminina. Isto se deve, em parte, à educação religiosa, que é, desde os primórdios (institucionalizada ou não), um dos símbolos mais fortes presentes na vida humana.

A mulher, vista pela religião durante anos por sua fragilidade ante os perigos da carne, exigia da moral cristã uma aguda desconfiança do prazer. Os conceitos elaborados pelo homem sobre a inferioridade da mulher continuam de maneira insistente no decorrer de toda a história. Por isso, numa tentativa de deixar esta história para trás, a sociedade prega a liberdade do corpo e a emancipação feminina. Mas esta emancipação não ocorreu, pelo menos não da forma que deveria, pois, como demonstra Sant’Anna (2006, p.20), temos o direito de nos mostrar, mas, acima de tudo, temos o dever de sermos sempre jovens e belas. Ou seja, mesmo conseguindo se emancipar de um tipo de dominação, passamos para outro tão perverso quanto a moral religiosa. Se antes era raro vermos mulheres vestindo roupas que deixavam o corpo à mostra, hoje, a maior parte da vestimenta feminina é “sensual” e deixa transparecer a liberdade dada ao corpo. No entanto,

utilizar um biquíni cada vez menor, como a “moda” exige, só é “permitido” às mulheres magras e bonitas.

Para as Igrejas, nos séculos anteriores, a luta pela beleza seria impensável, pois a mulher não deveria ter vaidades, visto que a verdadeira beleza era aquela dada por Deus. Isto muda e agora “vale tudo” para alcançar o padrão de beleza ditado pela sociedade. Homens e mulheres não pensam duas vezes antes de utilizarem meios cirúrgicos, tecnológicos e outros para modelar seus corpos da maneira como os vislumbram, pois se antes as mulheres tinham medo do fogo do inferno, hoje elas têm medo de sua imagem no espelho (Sant’Anna, 2005).

Diante desta sociedade do “consumo da beleza”, é difícil imaginar que alguém fique - ou tente ficar- de fora na luta para alcançar os padrões corporais tidos como perfeitos. O fato é que existem muitas mulheres que ficam. Estas mulheres ainda carregam consigo o peso da moral religiosa e optam por viver e “consumir” um corpo de outra forma, a forma ditada pelo seu grupo religioso.

A religião cristã aponta e fortalece não só a diferença entre o corpo e a alma, e a superioridade da última, como também para as diferenças entre o homem e a mulher na criação de Deus. Mas, sabemos que não existe um corpo a-histórico e que este traz marcas do tempo que o modificam e o transforma a cada dia, Soares, Fraga (2003). Como afirma Sant’Anna (2005, p.12) “o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo” e, neste processo, entendo que as próprias religiões poderão ser (re) fabricadas para não perderem o sentido que a mudança das coisas e da própria história do corpo nos traz.

1.2 O CORPO E O CRISTIANISMO

Atualmente o corpo, enquanto suporte da identidade dos indivíduos, vem ocupando progressivamente uma posição de centralidade nas culturas ocidentais.

Nas diferentes investigações sobre o corpo uma concepção do mesmo se destaca. Trata-se de percebê-lo enquanto construção social, uma vez que se dá “por meio da escolha social de certo número de valores que configuram o que o homem deve ser, tanto em relação às virtudes morais e intelectuais quanto à representação, à exposição e uso do seu corpo físico” (THEML, 1998, p. 309).

Quanto à presença de informações religiosas na concepção do corpo, tal influência é inegável. Apenas para sinalizar tal fato, retomamos as informações obtidas por Talamoni e Bertolli Filho (2012) em sua investigação. Afirmam os autores que, dos onze relatos por eles obtidos, que se encaixam na categoria maior “concepções espontâneas”, sete apresentaram uma visão metafísica ou religiosa do corpo, o que correspondeu às concepções de metade da população pesquisada.

Os sujeitos referiram-se ao corpo como “depositário”, “estrutura” ou “nossa morada”, fazendo menção, ou melhor, evocando, uma linguagem “religiosa”, como pôde ser observada nas seguintes falas: “(...) o corpo é um conjunto de ossos, músculos. É todo um sistema integrado, com uma alma”; “(...) enquanto ciência, ele é o nosso aparelho para nossa vida, para a subsistência no mundo. Mas ele deve ser bem cuidado porque ele foi dado por Deus, a nós”; “(...) é papel do professor fazer essa ligação: olha, você (aluno) tem um corpo, todo um mecanismo, todo um organismo que funciona sozinho, mas em função de um ser superior(...)” (TALAMONI, BERTOLLI FILHO, 2012, p. 5)

Que caminho terá percorrido a construção da concepção do corpo, para que o concebamos, tal como concebemos hoje?

Sem dúvida o pensamento cristão tem grande influência nessa construção. Se a temática do corpo foi sempre objeto de ocupação do pensamento cristão, concluímos que no período denominado Idade Média ele foi objeto central de tal pensamento e que nesse período ocorreu uma derrocada das práticas corporais, assim como a “supressão ou ainda o confinamento dos lugares do corpo da Antiguidade, o corpo se torna paradoxalmente o coração da sociedade medieval” (LE GOFF, 2006: 31).

Afirma Rossiaud (2006, p. 477) que, por meio das exigências canônicas se impôs o controle da Igreja ao domínio até então regido pelas famílias, homens e mulheres medievais, levando-os a manifestarem-se em relação ao seu corpo e a sua sexualidade. Também Brown (1990, p. 347) destaca que, para Agostinho, teólogo cristão desse período, a sexualidade simbolizava um único e decisivo acontecimento dentro da alma: era o eco, no corpo, da consequência inalterável do primeiro pecado da humanidade (Adão e Eva).

No centro das ideias sobre o corpo e a sexualidade na Idade Média estava a compreensão de que a prática da continência sexual representava a capacidade do

homem de vencer as provações carnis e alcançar, num plano metafísico, a pureza da alma. Por esse motivo, “as paixões e ações incontrolláveis e descomedidas deveriam ser substituídas por ações comedidas” (LAQUEUR, 2001, p. 73).

Afirma Laqueur (2001, p. 74), que para Agostinho a sexualidade era um “sinal interno e sempre presente da alienação da vontade pela perda da pureza”. Tal concepção “criou uma área alternativa para o corpo gerador” (LAQUEUR, 2001, p. 74).

No entanto, embora haja predominância da concepção agostiniana e de sua escola na forma como a sexualidade e o corpo foram concebidos na Idade Média, tal perspectiva não era unânime, gerando, assim, desde cedo, uma concepção ambígua tanto do corpo quanto da sexualidade. Tal concepção representou, ao longo da história, a presença de formas diferenciadas de se conceber o corpo e a sexualidade.

No entanto, embora diferentes, ambas as perspectivas representavam formas restritivas de vivências da sexualidade. Uma das diferenças que entra em cena é entender o corpo como tabernáculo do Espírito Santo. Nesse sentido, afirma Le Goff (2006, p. 31), a concepção da “encarnação de Deus no corpo de Cristo, faz do corpo do homem o tabernáculo do Espírito Santo”. A ambiguidade está no fato de que, se de um lado os clérigos reprimem as práticas corporais, de outro, as glorifica. Dessa forma, a valorização do corpo e das práticas sexuais oscila entre a repressão e a exaltação, a humilhação e a veneração.

Um dos representantes da segunda forma de se conceber o corpo e a sexualidade (como tabernáculo do Espírito Santo) é São Tomás de Aquino. Afirma Rossiaud (2006, p. 479) que, para São Tomás, a alma humana era o horizonte onde se tocavam o mundo dos corpos e dos espíritos, ou seja, a alma e o corpo estavam intrinsecamente ligados.

Como distinguia tal tradição de pensamento o que tangia ao corpo masculino e ao corpo feminino? O historiador Delumeau (1989, pp. 310-150) busca responder a essa questão. Para o referido autor, entre os séculos XII e XVIII a Igreja identificava, nas mulheres, uma das formas do mal sobre a terra. Em tal contexto a mulher era vista como um mal magnífico, prazer funesto, venenosa e traiçoeira. Era ela acusada pelo sexo masculino de ter introduzido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte.

Delumeau (1989) exemplifica sua afirmação anterior colocando em cena os mitos da Pandora grega e da Eva judaica. Afirma o autor que ambas (e a figura da mulher que elas representam) cometeram o pecado original ao abrir a caixa que continha todos os males ou ao comer do fruto proibido.

Como vimos, quanto ao aspecto mítico do corpo, até mesmo a idéia da "criação da mulher" a traz como introdutora da morte e do mal no mundo, o que pode ser visto nos relatos de criação de Pandora, na tradição grega, e de Eva, na judaico-cristã, conforme retomados por Delumeau (1989).

Para TALAMONI E BERTOLLI FILHO (2012, p. 12),

talvez por ser a mulher sempre considerada a 'pecadora' da história, é que foram imputados tantos pudores na educação sexual das moças, principalmente no século XVIII, quando lhes era negado o direito de obter conhecimentos acerca de sua sexualidade antes do casamento.

Ainda para (TALAMONI E BERTOLI FILHO, 2012, p. 12),

(...) este “espaço” para o qual conflui as relações biológicas, psicológicas e sociais que engendram a vida humana, necessita ser contemplado no processo educativo por duas razões fundamentais: a primeira relaciona-se à necessidade de autoconhecimento para o auto-cuidado, por parte dos alunos; a segunda, à necessidade de compreensão da percepção enquanto forma original e originária de conhecimento.

Há também uma preocupação com o estudo do corpo na educação formal faz sentido, na perspectiva desses autores, uma vez que a relação entre aquilo que se ensina e o que se aprende sobre tal temática tem implicações na corporeidade dos indivíduos.

A necessidade de se ocupar com as diferentes concepções de corpo faz sentido, uma vez que, como alerta Macedo (2005, p. 137) há a necessidade de se ver o corpo para além do dado biológico, mas considerando ainda outras dimensões inerentes aos seres humanos como a psicológica e a cultural.

Adotar tal perspectiva de se compreender o corpo, na compreensão de Talamoni e Bertolli Filho (2012) se faz necessário, uma vez que a “essencialização

das identidades” tem sido apresentada como sendo um dos caminhos adotados pela modernidade para o estabelecimento de identidades fixas, porque supostamente naturais.

Ao explicitar sua preocupação com a forma como o corpo vem sendo concebido no espaço da educação formal, os autores Talamoni e Bertolli Filho (2012) afirmam que a “naturalização do corpo” acaba por impedir ou invalidar as discussões acerca das diferenças, já que excluem do processo educativo as experiências corporais, desejos e sentimentos vividos de forma subjetiva pelos sujeitos. Essa possibilidade é vista como muito grave pelos autores, uma vez que na escola e mais especificamente no ensino de ciências que deverá acontecer a superação deste distanciamento constatado entre o corpo biomedicalizado e o corpo biocultural.

Por nossa vez, também entendemos como necessária uma séria análise sobre as diferentes formas como o corpo é concebido na atualidade, bem como os caminhos percorridos pela tradição cristã ao desempenhar seu papel na construção de um ideário sobre o corpo. Isto porque, como afirma SILVA (2005, p. 150)

O ser humano que cabe no ensino de ciências deveria responder à sua corporeidade, à sua cultura que o define como um ser de resposta, ser de palavra, sob o signo da diferença que nos constitui na condição de homens e mulheres plurais.

Percebe-se no cristianismo uma nova percepção de corpo. O corpo passa da expressão da beleza para fonte de pecado, passa a ser “proibido”. O cristianismo e a teologia por muito tempo foram reticentes na interpretação, crítica e transformação das imagens veiculadas do corpo.

1.3 O CORPO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física é uma ciência que muito contribui com seus relatos, na história do corpo. Nesta perspectiva, se olharmos para a história da Educação Física fazendo um paralelo com a cultura corporal, podemos citar (COLETIVO DE AUTORES, 1998, p.56):

Na escola na forma cultural de jogos, ginástica, dança, equitação, surgem na Europa no final do século XVIII e início do século XIX. Esse é o tempo e o espaço da formação dos sistemas nacionais de ensino característicos da sociedade burguesa daquele período. Esse tempo e espaço, ou seja, a Europa de fins de século XVIII e início do século XIX constitui-se em palco de construção e consolidação de uma nova sociedade – a sociedade capitalista – onde os exercícios físicos terão um papel destacado.

Cuidar do corpo então passa a ser uma questão de cuidar da nova sociedade, uma situação concreta pela sociedade do século XIX.

Começa-se uma grande preocupação em como cuidar desse corpo que é um instrumento do trabalhador. Esta preocupação chega a inclusão dos exercícios físicos nos currículos escolares.

No Brasil, especificamente nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar. Ressalta-se que o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo (COLETIVO DE AUTORES, 1998, p. 53).

Também para (CASTELLANI FILHO, 1998, p.39), comenta que:

A educação física, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de uma condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquela século, buscava construir seu próprio modo de vida.

No fim da década de 1960, com a internacionalização do mercado, o advento do esporte – como um fenômeno de massas – e a instituição do governo militar no país é realizada a Reforma Universitária de 1968 – modelo de universidade científica e pós-graduação – na qual se propõe um novo currículo nos cursos de formação.

De acordo com Ghiraldelli Júnior (2001) a educação física na ditadura militar ganha um conceito de Competivista, que expressa o ser melhor, a superação, o ser vencedor. Autores como João Paulo S. Medina e Valter Bracht a chamam de cultura esportiva. E para explicar melhor o conceito, explana:

A ideia-força de ênfase na educação física era a seguinte: o estudante, cansado e enquadrado nas regras de um esporte, não teria disposição para entrar na política. Esta ideia era, aliás, adaptada de outra que os militares desenvolveram para os recrutas e os alunos das escolas militares. A técnica de controle que os militares estabeleceram fez com que fossem abrindo caminhos nas organizações voltadas para a educação física e os desportos, na burocracia do Ministério da Educação. Em todos esses órgãos havia a presença maciça de militares em cargos de direção. Sob os generais Geisel e Ney Braga, as bolsas de estudo deveriam ser concebidas, de preferência, aos alunos de qualquer nível que se sagrassem campeões esportistas. Com isso visava-se uma seleção às avessas: ao invés do desempenho intelectual e profissional, o desempenho desportivo (CUNHA, 1985, p.80).

No final da década de 70 e início dos anos 80 inicia-se uma série de mudanças na organização da Educação Física Brasileira. Com um grande número de profissionais da área passaram a buscar crescimento fazendo especializações nos níveis *latu e stricto sensu*. Iniciaram também novas discussões sobre o rumo que a educação física deveria tomar e revistas especializadas na área surgiram.

De acordo com (BRACH, 2003, p. 102)

A cultura esportiva agia de forma tão potente como núcleo gerador de sentido da prática pedagógica que acabou por constituir-se também no núcleo central da “identidade docente” dos professores de educação física. Assim, a crítica radical à esportivização da educação física afetou e impactou fortemente uma parcela importante de professores da área que atuava nas redes de ensino.

Inicia-se então uma série de discussões a respeito de como deve ser a prática pedagógica dos professores de Educação Física na escola.

Na corrente desenvolvimentista defende a ideia que, “o movimento como objeto de estudo é o necessário na aplicação da educação física” (GO TANI et al. 1988, p.2). A visão é que por meio do movimento se desenvolve o ser humano nos quesitos bio-psico-sociais. Podemos citar também João Batista Freire (1991) com a abordagem construtivista-interacionista. Alguns autores que compõe o *Coletivo de Autores* ainda possuem a inspiração no materialismo histórico-dialético, que defendem que a Educação Física escolar é “... a matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte, a dramatização e outros”. (COLETIVO DE AUTORES, 1998, p. 18).

Para DAÓLIO (2007, p.30),

O inegável mérito da abordagem crítico-superadora foi o estabelecimento da cultura corporal como objeto de estudo da educação física. Assim, as várias manifestações corporais humanas, em vez de serem tomadas como conteúdos tradicionais estanques da área – ou, como na abordagem desenvolvimentista, como estímulos, expressões ou auxílio para o desenvolvimento motor – devem ser vistas como construções históricas da humanidade. Desta forma, o esporte trabalhado pela educação física é fruto de um longo processo social-histórico e cultural, que culminou nesse fenômeno que conhecemos hoje, assim como a dança, o jogo, a ginástica e a luta.

Ainda Daólio comenta sobre outra linha da Educação Física, com o autor Elenor Kunz que é o pioneiro da chamada abordagem crítico-emancipatória.

Daólio (2007) ainda diz que utilizando a concepção fenomenológica para a qual o ser humano como ser-no-mundo é sempre presença corporal, o autor afirma que “pensar é tão cultural quanto correr. Sendo toda cultura manifestada corporalmente, sua preferência é pela expressão cultura do movimento” (DAÓLIO, 2007, p. 39).

Ressalta (CASTELLANI FILHO, 2003, p.65), que a “Educação Física passa a ser baseada na formação do corpo belo, saudável e tecnicamente capaz de disputar os múltiplos campos de competição no mundo da vida: trabalho, sociedade, esporte, arte, política, economia e vida”.

Visto então todo este histórico nas abordagens da educação física, em suas diversas correntes pedagógicas, a cultura corporal de um povo, de um grupo ou de um indivíduo faz com que suas participações em todo âmbito de desenvolvimento corporal, tenha interferências motoras ou não, de acordo com o meio vive.

O corpo sempre teve sua relevância e suas possibilidades de expressão nos primeiros registros de vida humana. Também ao longo da história da humanidade, um dos objetos de observação, de experiências e de estudos foi o corpo humano, o qual também foi visto por muito tempo como meio de sobrevivência e execução de tarefas.

BAPTISTA (2013, p. 18) comenta que,

Vários estudos com diferentes enfoques, públicos, campos de intervenção vêm assumindo centralidade nesse debate, principalmente, quando vinculados às temáticas da saúde, da estética ou do lazer. Estudos sobre o corpo na escola, no treinamento esportivo, no esporte e nas academias de ginástica têm tornado denso o debate sobre o corpo nas diferentes ciências e na filosofia.

Na educação física em algumas vertentes, permeia a ideia do culto ao corpo, do belo. No entanto na história de culto ao corpo, presente há tempo, podemos vivenciar dentro de cada sociedade as transformações socioculturais, a evolução e as modificações que o corpo sofre em diferentes épocas.

No contexto histórico houve diferentes etapas e vários estudos sobre a evolução do corpo.

Para GONÇALVES (1994; p.41),

Dentro da visão transcendente, que envolveu o pensamento metafísico ao longo de sua evolução, a problemática da corporeidade reduziu-se essencialmente à união entre corpo e alma e à relação entre sensível e o inteligível.

Para Platão o corpo e alma jamais puderam estar ligados. O corpo atenderia a vontade, os desejos da carne, e a alma atenderia as necessidades da perfeição eterna, sendo o corpo responsável pela não manifestação do verdadeiro bem que a alma pudesse contribuir.

A dicotomia corpo-alma já aparece no pensamento grego no século V a.C., com Platão, que parte do pressuposto de que a alma, antes de se encarnar, teria vivido no mundo das ideias, onde tudo conheceu por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar usar os sentidos (...) (ARANHA; MARTINS, 2003; p.326).

Neste sentido, GONÇALVES (1994, p.42) diz: "(...) O corpo, com suas inclinações e paixões, contamina a pureza da alma racional, impedindo-a de contemplar as ideias perfeitas e eternas. (...)".

Na Idade Média, o corpo era considerado o centro dos acontecimentos onde por vez era ligado a três características fundamentais da época: noção de tempo, de personalidade e de economia, sendo elas funções ligadas diretamente ao corpo. Mas devido a grande influência da igreja houve um desprestígio que toda e qualquer preocupação com o corpo tivera sido proibida. (RITTNER *apud* GONÇALVES, 1994; p.18).

No entanto, as diferentes concepções de homem e de mundo estão ligadas às experiências dos homens em diferentes épocas históricas, e se faz necessário neste texto, apontar as diferentes formas de pensamento do esquadramento do corpo advinda do homem, desde a Revolução Industrial, passando pelo Higienismo/Militarismo até os dias atuais. Castellani Filho, comenta à respeito dizendo:

O corpo ao ser apropriado pelo poder, que reprime e ao mesmo tempo concebe prazeres e saberes, torna-se disciplinado, controlado, útil ao sistema produtivo industrial, objeto de normatização pela medicina higienicista, que lhe constrói um saber dentro dos limites e interesses do saber médico, fundado nas propostas de higienização social (CASTELLANI FILHO, 2003, p.75).

A Revolução Industrial trouxe reflexos para a sociedade e pode-se notar que ainda é possível analisar efeitos destes tempos, trazidos para os dias atuais, como corpo sendo estruturado e adaptado ao benefício de produção voltado ao trabalho, tal corpo que deixa de ser o que realmente necessita para somente ressaltar no exterior pronto para consumação.

É a prática política e econômica quem determina o sentido e a forma do discurso do corpo. Essas relações de poder agem sobre o corpo devassando-o, enquadrando-o em espaços definidos, disciplinando-o em seu cotidiano, (...) (CASTELLANI FILHO, 2003, p. 136)

Grande transformação ocorreu para que tudo chegasse a se tornar uma Revolução de alta tecnologia.

O corpo era visto com ferramenta do trabalho durante muitos séculos onde as pessoas usavam de todo movimento corporal, utilidade para o desenvolvimento da arte de tecer, onde o corpo já possuía do movimento natural, um trabalho considerado como sincronizado no qual atuava a família (pai, mãe e filhos). Desse modo quase toda família possuía de uma pequena fábrica artesã em sua própria residência.

A Revolução Industrial para os estudiosos foi considerada para aquele período, como um grande abalo e a transformação mais radical sofrida na existência humana. Pois no decorrer desse processo de industrialização os grandes empresários se dedicaram a visar somente lucros tornando o individualismo mais ressaltado, desde então as famílias que trabalhavam em suas próprias casas foram levadas a trabalhar nas fábricas tornando corpos construídos para o trabalho, perdendo a união do corpo, mente e espírito, tornando-se objeto manipulado do poder. Com a chegada da industrialização foi necessário um auto controle, uma disciplina de si, para que houvesse um melhor controle de produção.

Após os resultados da revolução, que foi de grande surpresa, a burguesia se fazia por satisfeita ao ver o grande desenvolvimento econômico, enquanto os trabalhadores passavam por grande frustração e insatisfação no seu trabalho. “(...) na sociedade industrial, trazem também graves consequências para o homem, no que diz respeito a sua integridade física e psíquica” (GONÇALVES, 1994, p.115).

Ao fim do século XIX o corpo na industrialização passou por uma verdadeira máquina, com o foco somente na mão de obra. Tais trabalhadores que passavam a ser tachados como mau lavradores; pessoas descritas como inferiores, pobres, pessoas decorrentes aos dias de hoje.

Esse desdobramento se deu no início do século XX, onde a população considerada desfavorecida, ou seja, camponeses e operários, já foram considerados excluídos da sociedade que era formada pelos burgueses e nobres, fazendo com que os excluídos da sociedade, essa que era formada pelos burgueses e nobres, fazendo com que os excluídos perdessem qualquer esperança de mudar sua história, para essa mudança se efetuar novas respostas tiveram que ser buscadas.

As más condições de vida e saúde o que refletia na produtividade do trabalho, fez com que o Brasil se preocupasse com o modo de tratar a saúde diante da população. Com o objetivo de mudar as concepções do homem diante vários fatores e Brasil buscou ajuda na Europa. Segundo Castellani Filho (1998, p. 43), o Brasil

possuía metade de sua população, composta pela massa escrava; foi por mais esse motivo que o eugenismo veio, para também mudar a raça predominante de negros para brancos, buscando o equilíbrio entre a população branca e a escrava.

A Educação Física na época não foi vista como trabalho-produção e sim como apenas preenchimento de tempo.

(...) dissocia a Educação Física de um conceito de Educação, aproximando-se mais de um conceito de adestramento físico. Aliadas a essa concepção, estão as tendências à militarização e à higienização, que perpassam a Educação Física (GONÇALVES, 1994, p. 136).

A tendência do Higienismo envolveu diversas áreas, inclusive a Educação Física, com fim de “(...) promover novos hábitos saudáveis para o aprimoramento da saúde individual e coletiva (...)” (GÓIS JÚNIOR, 2008; p. 227).

(...) para dar conta de suas atribuições que os higienistas lançaram mão da Educação Física, definindo-lhe um papel de substancial importância, qual seja, o de criar o corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente (CASTELLANI FILHO, 1998; p. 42 e 43).

As vias de fatos nos mostram que o culto ao corpo sempre predominou fazendo com que o homem buscasse respostas para suas ações, com isso a incansável busca da perfeição, o homem moderno descobriu o poder do seu corpo combatendo doenças e mostrando meios de prolongar a vida.

Destina-se, portanto, à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante. O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres. (CASTELLANI FILHO, 1998; p. 56)

A discriminação do corpo frágil até o momento era contínua, pois todas as mulheres diante essa concepção seriam perfeitas naturalmente pelas características biológicas.

Com o Militarismo no Brasil, (a partir da década de 1930) que reforça as regras disciplinares é imposto ao corpo uma ação voltada ao nacionalismo e a melhoria da raça (CASTELLANI FILHO, 2003; p. 75).

Nos dias de hoje pode se notar que tudo é submetido a pesquisa, onde se evidencia cada vez mais na tecnologia e na informação, conhecimento buscado pelo o homem atingindo cada vez mais o trabalho e o corpo que por sua vez já começa perder funções que já se tornaram substituídas pela grande tecnologia. Com esse grande avanço quem perde é o homem, pois a demanda de trabalhadores se torna maior do que o mercado fornece. A remuneração passa ser de acordo com a produção e não mais com a carga horária, deixando o trabalhador sem chances de lutar por seus direitos. Com esse grande e acelerado aumento da tecnologia as pessoas passaram a visar muito mais lucro e individualismo, acarretando tais problemas como: aumento da violência, stress, depressão; com isso o tempo livre passa a não existir mais.

(...) O capitalismo submeteu-se o proletário desde o início desse novo modo de produção às mais absurdas formas de exploração. Esqueceu-se de que estava tratando com seres humanos que tinham emoções, e que seus corpos sentiam dor, frio, calor e fadiga. Impôs um trabalho sub humano, proporcionou-lhes condições de vida, moradia, saúde e alimentação de pior qualidade possível. E, nessa luta, um detinha todo poder e o outro possuía apenas o seu corpo, que era vendido, ou melhor, explorado como força de trabalho. (COUTO, 1995; p. 63)

Em nosso meio hoje globalizado o homem é capaz de gerenciar mecanismo como ganhar e gastar levando o homem a ganhar mais e consumir mais, uma ilusão que cresce no dia a dia no qual necessita de reflexão. Não podendo deixar de lado a subjetividade de quem somos e de onde viemos, a importância de nossos pensamentos, pois assim dessa maneira o ser passou a se tornar meio homem e meio máquina deixando de lado seus próprios valores, a fim de ampliar a perspectiva além da competição.

O nosso corpo, concretamente e na forma como se representa e é percebido pelo brasileiro, acompanha os matizes fornecidos pelo sistema dominante. Na relação corpo-sociedade há um peso decisivo da estrutura socioeconômica que define, de certa forma, os limites da nossa estrutura corpórea. Desde a gestação somos modelados pelos valores vigentes, pela cultura, pela situação de classe social a qual pertencemos, e assim, dentro dessas circunstâncias, nascemos, crescemos, vivemos, sobrevivemos, adoecemos e morremos (MEDINA, 1990; p. 23).

O ser humano deve estar informado a fim de não se tornar submisso, de forma que todos se manifestem em prol da melhoria comum sem regras impostas, lembrando que o novo homem não tem essa concepção diante o capitalismo, pois, o mesmo esquece ou não sabe que é o próprio sujeito da história.

No entanto o homem é cercado por limites de toda ordem que movimenta nesse mundo de aparências “como vetor contemporâneo de construção subjetiva e identitária” (HANSEN, VAZ, 2004, p.136), no qual se submetem os próprios limites em nome de contornos corporais concebidos com ideais, no qual a idolatria é concebida aos *sarados*, que são vistos como vitoriosos na corrida pelo delineamento corporal. Isso se dá pela Indústria Cultural a grande influência dos últimos tempos.

O culto ao corpo passa a ser acentuado a partir da metade do século XX e unanizado no século XXI em todas as camadas sociais sob a cotidiana ação maximizada da mídia em seu script investigador e inculcador da preocupação com a estética corporal e com a saúde, entronizado o corpo no mundo do capital como um importante veículo e instrumento de consumo (CASTELLANI FILHO, 2003, p.70).

Submetem-se a diversas formas de sacrifício para garantir uma aparência estética que possa agradar à opinião alheia, para assim ser aceito. No século XX “(...) O corpo passar a ser esquadrinhado, segmentado, analisado, comparado e medido, multiplicando-se as formas de intervenção corporal, (...)” (CASTELLANI FILHO; 2003 p. 75). GONÇALVES, 1994, p.31 complementa,

A utilização do corpo no sistema publicitário insere-se numa tendência mais ampla da sociedade contemporânea atual: a preocupação excessiva com o corpo. Por todo lado, proliferam academias de ginásticas, musculação, dança, ioga... (...) Parece que o corpo, tanto tempo submetido ao controle

de um racionalismo dominante, agora se rebela e se transforma no foco das atenções. (...)

A mídia e a indústria da beleza ditam e incorporam tendências essas que não atuam isoladamente, pois, atendendo às necessidades do consumidor no mesmo tempo reforça essa lógica de que precisam ter/estar (ter os produtos e estar belos).

A televisão teria então, a capacidade de tornar-se instrumento eficaz para a conservação da ordem estabelecida, mediante a reproposição contínua daquelas opiniões e daqueles gostos médio que a classe dominante julga mais apropriados para manter o status quo. Numa sociedade em que a autonomia individual e a multiplicidade das opiniões são admitidas, mas na qual, por exigências econômicas, realiza-se um direcionamento “oculto” da opinião, a indústria cultural adota aos meios da persuasão comercial, “mas ao invés de dar ao público o que ele quer, sugere-lhe o que deve querer ou deve acreditar que quer” (BETTI, 1998, p. 45).

A utilização de elementos culturais que se tornaram acessíveis pelos meios de comunicação de massa, veio para atuarem nos indivíduos tanto como interesses individuais, como meios de modo de produção. Entendemos como um instrumento de pressão da sociedade sobre o indivíduo o que faz com que prevaleça a lógica não apenas em momentos de trabalho, como também nas horas de descanso de cada indivíduo.

A mídia tem uma grande influência no comportamento dos indivíduos, isso acontece sem que percebam os efeitos promovidos pelos meios, por terem acesso todos os dias a jornais, programas de TV, internet, revistas entre muitos, o qual a mídia reproduz e induz, trazendo uma quantidade considerável de informações de como cuidar do corpo para modelá-lo, enfatizando sempre de como o corpo não pode deixar de ser, tendo um grande aumento de “prevenção à feiura”.

Além dos especialistas, as modelos e atrizes também são consideradas referências de verdade e certezas na Boa Forma. Como os fisioculturistas nas academias, as modelos e atrizes possuem um capital corporal, um prestígio por terem alcançado um corpo que é considerado ícone de beleza, e por isso são tomadas como detentoras de segredos e fórmulas que prometem revelar na seção “Garota da capa”. (...) (ALBINO; VAZ; 2008, p. 215)

Furtado (2007) cita em sua pesquisa a grande influência dos artistas mostrado nos meios de comunicação como Arnold Schwarzenegger com o fisioculturismo, Jane Fonda com a ginástica aeróbica e Madonna com a musculação. Fazendo assim as práticas corporais se tornarem um processo mundializado.

Tal padrão de beleza que era sobretudo ocidental, tende a se universalizar a partir dos meios de comunicação de massa, levando ao rompimento das tradições culturais em sociedade que, a princípio, apresentavam outras características étnicas. O mesmo programa citado acima apontava dados estatísticos sobre o aumento de cirurgias plásticas realizadas no Japão, com a finalidade de diminuir o tamanho das pálpebras, “ocidentalizando” o rosto daquelas mulheres a partir da justificativa de as tornarem mais “belas”: a esse dado foi acrescida a estatística do crescente consumo de lentes de contato descartáveis para alterar a cor dos olhos, tornando-os claros, fato absolutamente incomum naquela raiz étnica (SILVA, 2001, p. 03).

Há grandes intervenções drásticas sobre o corpo, como as cirurgias plásticas, produtos químicos, a grande ingestão de medicamentos, tudo isso pela insatisfação de seu próprio corpo e um só objetivo modelá-lo, eternizando a beleza da juventude. A propaganda faz com que sociedade padronize os desejos, dessa forma o capitalismo impõe seu próprio modelo de corpo.

(...) o exercício foi anexado a educação, na condição essencial, porém escamoteada de instrumento político, meio de controle, técnica de domínio do corpo, enfim, como fórmula especializada para tornar o corpo forte, sadio, ágil, controlado, manipulável, útil ao sistema de produção e como suporte indispensável, importe e prioritário para o investimento do poder acurado pela economia capitalista (CASTELLANI FILHO, 2003, p. 83).

A Indústria Cultural (dotada de seus aparatos, tais como televisão, rádio, revistas, etc) responde a alguns questionamentos, e se torna importante a entendermos, para identificarmos a concepção de corpo na educação física.

BAPTISTA (2013, 19) relata que em seu estudo feito em 2001, nas academias da cidade de Goiânia, alguns resultados surpreendentes:

(...) a identificação de 68,81% de todos os praticantes frequentarem a academia de ginástica há mais de um ano. Do total de alunos, 32,46% frequentavam as aulas há mais de três anos. Isso demonstra o nível de adesão das pessoas à atividade física e sua permanência neste espaço de práticas. Porém, de todas as 77 pessoas entrevistadas, 67,51% atribuíram notas de 4 a 7 para o alcance dos objetivos propostos, ou seja, o nível de satisfação das pessoas com as alterações corporais promovidas pelas atividades era, no geral, apenas razoável. De todas elas, só 5,19% deram nota 10; em outras palavras, apenas 4 pessoas consideravam já ter alcançado plenamente o que pretendiam do ponto de vista estético ou de saúde, conforme o objetivo inicialmente proposto.

A indústria cultural então evidencia modelos, atores e famosos em geral, com um corpo tido como padrão. As pessoas estão comprando estes padrões e querendo a qualquer preço atingi-lo. Seja por meio da prática esportiva, seja por cirurgias plásticas ou por outros meios alternativos.

A Educação Física enquanto escola, no entanto, trabalha com as questões da cultura corporal, da saúde e dos bons hábitos. Já no meio do Fitness, o que fica evidenciado, é a venda do corpo perfeito.

Por outro lado, a religião cristã aponta e fortalece não só a diferença entre o corpo e a alma, e a superioridade da última, como aponta também para as diferenças entre o homem e a mulher na criação de Deus. Mas, sabemos que não existe um corpo a-histórico e que este traz marcas do tempo que o modificam e o transformam a cada dia (Soares, Fraga, 2003). Como afirma Sant'Anna (2005, p.12) o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo e, neste processo, entendo que as próprias religiões precisam ser (re) fabricadas para não perderem o sentido que a mudança das coisas e da própria história do corpo nos traz.

Nas igrejas de uma forma geral, há a utilização das técnicas corporais em seus mais diferentes estilos. Nas igrejas evangélicas, o corpo, se manifesta com o erguer as mãos, o ato de se ajoelhar para fazer uma oração, entre outros.

O censo de 2010 demonstra o aumento expressivo do número de evangélicos no país. É interessante notar que a Igreja Assembleia de Deus é uma das instituições que mais cresceu. Tendo em vista este aumento de seguidores evangélicos no país, fica evidente também o aumento do número de alunos nas escolas brasileiras que pertencem a esta religião.

Isto traz à tona a diversidade cultural e, neste caso, a diversidade religiosa, a qual engloba maneiras diferentes de lidar com as crianças no âmbito educacional. Temos numa única sala de aula, alunos que pensam, sentem e agem de formas

diferentes não só por suas histórias de vida, de modo geral, como também por suas histórias religiosas.

Os fiéis de algumas igrejas evangélicas possuem características marcantes: roupas típicas, modos de cortar e de pentear os cabelos além de outros aspectos corporais facilmente perceptíveis. A ascensão no número de evangélicos na população brasileira, principalmente na Igreja Assembleia de Deus, trouxe motivação para verificarmos à respeito da concepção de corpo para esta denominação religiosa, é o que veremos nos capítulos seguintes.

2 A TRAJETÓRIA DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

A Igreja Assembleia de Deus, AD, teve seu início no Brasil em junho de 1911, inspirada pelo movimento pentecostal, onde juntamente com a Igreja Congregação Cristã, iniciaram a primeira vertente do pentecostalismo neste país: o pentecostalismo clássico.

(...) a partir da designação clássico podemos inferir, embora não necessariamente, além do pioneirismo, a transformação da comunidade sectária numa instituição que ao longo do tempo ascendeu social e economicamente e, em busca de respeitabilidade confessional, estimulou a formação teológica de seu clero (que antes se baseava na inspiração do Espírito e recusava terminantemente o ensino teológico formal), distanciando o púlpito dos leigos; instituindo novas exigências além da posse de carisma para o exercício do pastorado; criando um corpo burocrático para administrar a igreja a fim de preservá-la para além da vida de seus fundadores; dificultando a ascensão à hierarquia eclesiástica; limitando e disciplinando as manifestações carismáticas em seu interior e diminuindo a rejeição ao mundo exterior, promovendo (não sem retrocessos, lutas internas e cismas) sucessivas acomodações à sociedade inclusiva. MARIANO (1999, p. 24).

A expansão das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil se deu primeiramente pelo Estado do Pará, alcançou o Amazonas, chegando até o Nordeste. No Sudeste, a sua chegada foi em meados de 1922.

As Igrejas Assembleias de Deus, assim como em grande parte das igrejas pentecostais em seu início, eram compostas por uma maioria de adeptos com baixa escolaridade, vindos das camadas mais pobres da população. Segundo os fundadores suecos, no seu início, seus membros sofreram várias perseguições, tanto da igreja católica, quanto das protestantes históricas, instaladas na região. Porém, apesar de toda a perseguição sofrida, as Igrejas Assembleias de Deus tiveram rápida expansão pelo Brasil. A Igreja Assembleia de Deus, está entre uma lista de igrejas chamadas pentecostais.

Para Mariano, (1999), o pentecostalismo é um movimento religioso que eclodiu nos Estados Unidos no começo do século XX, e diferenciou-se do protestantismo por acreditar na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais se destacam três: a glossolalia (falar em línguas), a cura e o discernimento de

espíritos, segundo relata. Os pentecostais acreditam em Deus por intermédio do Espírito Santo, em nome de Cristo. Praticam e acreditam nas mesmas características do cristianismo primitivo, isto é, acreditam na realização de milagres através da cura de enfermos, bênçãos e distribuição de dons espirituais; também praticam a expulsão de demônios, bem como acreditam no diálogo com Cristo.

Ressalta CORREA (2012, p. 26),

assim, o pentecostalismo é um termo amplo que inclui uma vasta gama de diferentes perspectivas teológicas e organizacionais. É considerado um movimento moderno por muitos estudiosos e o mais revolucionário acontecimento dentro da história do cristianismo no século XX; talvez um dos mais marcantes na história da Igreja. Mais do que isso, com o advento do pentecostalismo, ocorreram mudanças profundas no panorama cristão, que romperam com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes havia alguns séculos, e propondo reinterpretações muitas vezes radicais da teologia cristã, dos cultos e das experiências religiosas. Entretanto, seu surgimento está intrinsecamente ligado a outro movimento, que teve início no século XVIII, na Inglaterra. Trata-se do movimento religioso metodista, fundado por um ex-ministro anglicano John Wesley, influenciado pelo grupo pietista alemão, e que propunha a necessidade de uma nova maneira de pregar o Evangelho, um novo nascimento, conversão e orientação para a vivência da fé.

Ainda neste contexto Correa (2012), diz que sua origem está no chamado reavivamento evangélico, ideia que teve início quando John Wesley, reunindo-se com um grupo de professores e estudantes de Oxford, se propunha a espantar a indiferença e a estagnação de sua igreja, assim empreendendo o que se passou a chamar de reavivamento religioso. O início do movimento pode ser fixado em 1729, quando John Wesley, juntamente com alguns amigos, ligaram-se a um “Clube Santo”. A intenção de Wesley não era fundar uma nova igreja, mas sim levá-los para a igreja anglicana a qual pertencia (e da qual nunca se desligou). A sua preocupação era, especialmente, levar para o povo uma nova vida espiritual e também material em favor do próprio povo, daí o surgimento posterior de orfanatos, ambulatórios, centro de artesanato entre outros recursos (de acordo com os pressupostos da caridade).

E quando aconteceu a sua expulsão dos púlpitos da igreja anglicana, a qual pertencia, Wesley começou pregar em espaços livres, para todo aquele que também desejava uma mudança.

Nos escritos de Correa, (2012 p. 29), a autora fala a respeito de um movimento chamado “holiness”, no que diz:

Em 12 de maio de 1739, foi fundada a “primeira capela” metodista. (...) A partir do metodismo, vários outros movimentos religiosos surgiram com a mesma tendência; entre eles, o movimento de santificação (ou holiness) no século XIX, nos Estados Unidos. Essa manifestação de santidade se solidifica e ganha legitimidade como movimento religioso, em 1901, em Topekas (Kansas) com Charles Fox Parham (1873-1929), que formulou a teologia do pentecostalismo clássico, e também ficou conhecido como o fundador do Movimento Pentecostal. Parham uniu as doutrinas que no futuro serviriam de estrutura teológica explicável dentro do movimento, tais como: “*estilo evangélico de conversão, santificação, cura divina, pré-milenismo e o retorno escatológico do poder do Espírito Santo*”. Também ensinava aos seus alunos, no que se diz respeito à Santidade, a cura divina, etc., sempre usando o Livro dos Atos dos Apóstolos (2:38): “*E Pedro lhes respondeu: Converti-vos: receba cada um de vós o batismo no nome de Jesus Cristo para o perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo*”, assim, convidava-os para passar por experiências e reflexão sobre essa questão. As preces foram ouvidas e seus colegas relataram que Agnes Ozman começou a falar na língua chinesa. Não muito tempo depois o próprio Parham começou também a falar em línguas desconhecidas. Dentre muitos seguidores das práticas carismáticas de Parham, se destacou o seu aluno William J. Seymour, pastor negro expulso da Igreja dos Nazarenos que, em 1906, na cidade de Los Angeles, levou a nova mensagem a um número crescente de convertidos pentecostais.

E diante destes encontros, Correa (2012) afirma que ficou registrado no dia 06 de abril de 1906, um menino de oito anos e mais algumas pessoas, começaram a orar em línguas fazendo com que Seymour reafirmasse a sua crença. Esse espaço ficou famoso e reconhecido como base de formação e divulgação mundial do moderno movimento pentecostal, seu endereço era: Azusa Street, 312.

Correa (2012, p. 30), ainda ressalta que:

Rapidamente, grupos semelhantes foram formados em muitos lugares dos EUA, mas com o rápido crescimento do movimento, o nível de organização também cresceu, até que o grupo passou a se denominar Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa. Foi então que o movimento pentecostal explodiu. A partir daí, a mensagem pentecostal divulgou-se pelos Estados Unidos e pelo resto do mundo, chegando ao Brasil em 1910, com a vinda do missionário Louis Francescon, que atuou em colônias italianas no Sul e Sudeste do Brasil, originando a Congregação Cristã no Brasil. Em 1911, Daniel Berg e Gunnar Vingren iniciaram suas missões no Pará e nordeste do país, dando origem às Assembleias de Deus. Francescon, Berg e Vingren tiveram matriz pentecostal comum ao receberem as novas doutrinas na Missão de Fé Apostólica, nascida no início do século XX.

Fundada em 1911, em Belém do Pará, no norte do país, a AD, juntamente com a Congregação Cristã no Brasil, no bairro do Brás – em São Paulo, formam o marco fundamental do pentecostalismo brasileiro, com um novo tipo de igreja e experiência religiosa.

A igreja Assembleia de Deus, reforça Correa (2012), iniciou inspirada no movimento Holiness dos Estados Unidos, na cidade de Los Angeles, em 1906, com base nas doutrinas ensinadas por John Wesley, em meados do século XIX. Distinguindo conversão de santificação, esse movimento pregava uma nova oferta de salvação, ou seja, o fiel deveria se converter e se santificar, passando por um novo batismo: o “batismo do Espírito Santo”, conforme narrado no capítulo 2, no Livro Atos dos Apóstolos. O Brasil conheceu as práticas pentecostais em 1910, com a fundação da Igreja Congregação Cristã do Brasil (CCB) e, no ano seguinte, 1911, com a fundação da Igreja Assembleia de Deus (AD).

2.1 OS PIONEIROS DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

A Igreja Assembleia de Deus foi fundada pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, em 1911, na cidade do Belém do Pará, com a nomenclatura de “Missão da Fé Apostólica”, seguindo o exemplo do primeiro nome dado ao Movimento Pentecostal nos Estados Unidos, a partir de 1901. A escolha desse nome foi inspirada no título do jornal editado pelo pastor afro-americano, William J. Seymour, líder da congregação mais famosa do mundo no início do século XX, Correa (2012).

Algumas informações destes fundantes da Assembleia de Deus no Brasil foram publicadas pela CPAD, escritos pelos filhos deles, os quais por meio dos diários que seus pais deixaram, organizaram as seguintes biografias: Enviado por Deus (David Berg, 2000) e Diário de um Pioneiro (Ivar Vingren, 2007).

Vale ressaltar, porém, que os diários dos fundadores suecos foram organizados por seus filhos Ivar Vingren e David Berg, (Ivar Vingren relata que examinou em média 25 diários de seu pai); o diário de Daniel Berg

também contou com a supervisão de Emilio Conde, historiador oficial das igrejas ADs; sobre o de Daniel, não se tem relato das anotações originais. Os diários foram publicados pela editora CPAD – órgão oficial das igrejas ADs – e apresentam dados bibliográficos dos missionários, com narrativas emocionantes. São atos heroicos, ricos em detalhes; os autores trabalham com a ideia de que a qualquer momento, os missionários irão receber uma missão “divina”, ou seja, a espera da promessa de Deus (CORREA, 2012, p. 37).

CORREA (2012, p. 38) ainda comenta a respeito destas biografias:

(...) a releitura das anotações dos missionários serve de reflexão sobre as suas práticas vividas no passado. Sabemos que todo diário é de caráter pessoal e restrito de conteúdo, e sua interpretação é pessoal quanto às narrativas. A interpretação é fundida de tal maneira que não se permite ao leitor, muitas vezes, detectar o que é fato real e o que é interpretação feita pelos seus criadores. Essas anotações foram de suma importância para a construção da história do pentecostalismo assembleiano no Brasil, pois, sem elas, muito se perderia no tempo. Dessa maneira, o diário trabalha apoiado em dois eixos: um de tempo, que permeia entre o princípio e o fim de um acontecimento, e o outro de intensidade. (...) A sua redação não é científica, mas nos auxilia como um instrumento. Pode-se dizer que o diário nos oferece um trabalho de escavação contínua. Dessa maneira, é possível notar que nem todos os acontecimentos anotados pelos missionários possuem uma coerência de ordem cronológica, o que definitivamente não prejudica a riqueza de detalhes de suas narrativas, pelo contrário, acrescenta a elas um caráter de originalidade; os diários realizam uma relação de trabalho adequada entre teoria e a prática.

Os diários possuem um arsenal de vivências positivas e de imagens significativas, dos pensamentos de grandes feitos, das frases que impulsionaram a força dos missionários através dos tempos, carregadas de otimismo e estímulo à conquista das metas estabelecidas. Nada de negativo consta nesses diários, que parecem ter representado para seus donos uma espécie de amigo inseparável em todas as circunstâncias.

Estes pioneiros deixam claro em suas narrativas, a trajetória de dois missionários que abandonaram suas famílias, amigos, enfim tudo, para obedecer a uma “ordem divina”, Correa (2012, p. 38), ressalta:

Vingren e Berg se referem a uma narrativa épica, heroica, desconhecida, fascinante e mítica; dois jovens, com 30 e 26 anos, ambos solteiros, que deixaram os seus países de origem para realizar uma missão divina, uma

“Revelação Profética”. A partir daí, as vidas desses missionários se transformam. Diante do leitor, tudo adquire um sentido fabuloso, “vida nova”, pois eles são “enviados” e passam a ter atitudes mais ousadas, não se calam mais, começam a falar em nome do Divino, é do “Alto” que vêm as novas instruções; o mundo físico já não é mais narrado como antes, mas somente o mundo sobrenatural. Não possuíam sobrenomes e nem famílias ilustres, só lhes restaram, então, os seus próprios méritos. Os seus discursos personificam o desejo e a figura ideal do ser humano obediente e leal a Deus.

Os escritos contidos nestes diários transmitem que eles são conduzidos por uma força sobrenatural e se entregam inteiramente à obra missionária tendo como fundamento seus testemunhos, tidos como exemplos às várias gerações futuras. Os escritos deixados por Daniel Berg e Gunnar Vingren, explanam com muita riqueza esta vinda deles para o Brasil. Na verdade, a história dos missionários fundadores da igreja Assembleia de Deus corrobora com a teologia da igreja, com o uso dos dons carismáticos como a profecia, orações em línguas estranhas, orações de cura, fenômenos que têm influência sobrenatural na vida cotidiana da membresia brasileira, Correa (2012). As narrativas são cercadas de um extremo cuidado para filtrar apenas os aspectos positivos; assim, não são livros de aventura ou ficção, porém os fatos vividos e contados ali por esses missionários, muitas vezes, remontam à própria imaginação de seus leitores.

(...) submetendo-se as mais diversas experiências de fé, deixando toda racionalidade humana para trás, mergulhando em um processo a que chamamos de irracional, em profunda obediência, seguindo a mensagem da “Cruz”, violando os seus próprios valores, aqueles mais simples e necessários à vida cotidiana, para aliar-se as exigências do Salvador, em favor de um povo oprimido e eleito, diante da realidade em que viviam. (CORREA, 2012, p.40)

Daniel Berg fez como várias outras pessoas já tinham feito antes dele, deixou a Suécia, seu país, e partiu em 1902 no fim do inverno para os Estados Unidos da América. Berg (2000) comenta em seus escritos os relatos de seu pai, dizendo que no momento desta viagem para as Américas, quando o navio apitou três vezes, sinal característico da partida, ele estava caminhando lentamente no convés que o levaria a terras estranhas. Olhando ele ao redor viu em um dos muitos salva-vidas distribuídos em pontos estratégicos em todo o convés. Era a primeira vez que ele

vijava de navio, mas relata que não seria a única nos anos futuros. Berg então sentiu estremecer, pois sabia que aquela viagem o levaria a terras estranhas. Olhou ao seu redor, tudo era novo: as pessoas, os objetos, os salva-vidas. Talvez estes últimos tivessem de fato tarefas semelhantes às dele, sabia que no fundo seu coração tinha uma missão: salvar vidas para Deus.

Relata no diário de Daniel Berg que ele resolveu fazer aquela viagem não para satisfazer qualquer espécie de curiosidade ou aventura, mas que ele tinha razões fortes que o leva a fazê-la. Continua dizendo em seus escritos, que seu futuro parecia incerto, porém uma coisa havia decidido que qual fosse o futuro dele, ele se esforçaria sempre para seguir os passos do “Salvador”, Berg (2000).

Chegando à América, Berg trabalhou em fazenda tomando conta de cavalos e carroças, depois em outra cidade trabalhou de fundidor especializado. Depois de vários anos, visita sua família na Suécia e logo retorna para os Estados Unidos. Neste período, diz em suas narrativas, que foi quando ele toma a decisão de entregar totalmente a sua vida para o Senhor e a evangelizar aos que desejassem ouvir as mensagens de Deus, anunciando a salvação para todos que cressem na Palavra Divina.

Ele então começou ir a reuniões religiosas e em uma conferência evangélica na cidade de Chicago em 1909 conheceu Gunnar Vingren, que já estava na América há alguns anos, onde aos 25 anos de idade ingressou em um instituto bíblico batista também em Chicago, tendo desejo de ser missionário. Os dois tinham o mesmo desejo de ter a experiência do “Pentecoste”, contando com o direcionamento de Deus. Vingren relata para Berg que após orar muito, recebera o batismo com o Espírito Santo, e que com o batismo adquirira a certeza de que no futuro seria missionário, onde quer que o Senhor o mandasse, Berg (2000).

Vingren (2007), diz no seu diário que ao participar de uma festa para levantar fundos para ajudar um irmão que ia sair para o campo missionário como evangelista, quando voltou para casa depois da festa, sentiu uma alegria imensa, e ouviu uma voz que dizia que ele também iria ao campo de evangelização da mesma forma que o outro.

Gunnar Vingren em outubro de 1910, recebeu o batismo no Espírito Santo, tornou-se pastor e ouviu um chamado especial e palavras maravilhosas por um irmão chamado Adolfo Ulldin. Entre outras coisas, o Espírito Santo falou através desse irmão que ele deveria ir para o Pará, local em que o povo para quem ele

testificaria de Jesus era de um nível social muito simples. Ele relata que não tinha ideia de onde se localizava o Pará. Ninguém conhecia este nome por ali onde morava. Então teve que ir a uma biblioteca para saber se existia algum lugar na terra chamado Pará, Vingren (2007).

Após alguns dias, Berg vai morar em South Bend obedecendo uma ordem divina, e passaram a participar juntos das reuniões na igreja. Relata Vingren (2007), que um dia eles sentiram impulsionados por Deus, para irem juntos à casa do irmão Adolfo Ulldin, o homem que Deus usara quando o chamou para o Brasil. Quando entraram na cozinha da casa, o poder de Deus veio sobre Ulldin, e ele foi arrebatado em espírito, como das outras vezes, e foi durante aquela poderosa reunião que Daniel Berg recebeu a sua chamada para acompanhar Vingren ao Brasil.

Eles então concluíram que já era hora de iniciarem a viagem para as terras brasileiras, mesmo sem nenhum dinheiro no bolso, pois o pouquinho que eles tinham, sentiram de Deus de fazerem doação. Vingren sentiu que Deus falara ao seu coração dizendo que se ele fosse para o Brasil não iria faltar nada. Nos dias antes da partida, uma igreja doou uma quantia pequena em dinheiro, que não dava para a viagem completa. Mesmo assim eles estavam tranquilos e confiantes em Deus, assim, os dois missionários embarcaram rumo ao Brasil em um navio a vapor de “terceira classe”, Vingren (2007).

A viagem foi tranquila, conforme consta nos escritos, onde só os dois, Daniel Berg e Gunnar Vingren eram brancos. Mas durante o percurso aproveitaram para ver as diferentes raças, povos e línguas, presenciando até mesmo brasileiros que subiram no navio.

Foi no dia 19 de novembro de 1910 que os dois missionários chegaram ao Brasil, onde ninguém os esperava naquele “*país estranho*”, onde não conheciam ninguém daquela cidade, onde não entendiam nenhuma palavra da língua portuguesa, onde não sabiam para onde ir, relata Berg (2000). Mas, contudo, sempre deixaram claro nas suas narrativas que estavam sempre confiantes em Deus. Eles narram que ficaram sem direção na cidade, e após chegarem a um parque se sentaram esperando algo proveniente de Deus. Até que uma família que tinha desembarcado no porto também, os levaram para um hotel, que custou exatamente a quantia que eles tinham no bolso. Relata Berg (2000) que entraram no quarto, quando Vingren começou a folhear um jornal que por ali estava, por curiosidade, mesmo sem saber ler em português. Até que um nome era conhecido,

o redator do jornal, que era um pastor americano de uma Igreja Metodista que Vingren conhecia, e no jornal continha o endereço dele. No outro dia ao amanhecer, agradeceram a Deus e foram procurar por este referido pastor. Eles tiveram que gastar as últimas moedas com a passagem do bonde, pois ele morava longe do hotel onde eles tinham ficado hospedados, Berg (2000). Ao encontrarem o local, foram bem recebidos pelo pastor metodista, que muito estava precisando de ajuda no trabalho, e também ofereceu o porão da igreja para eles morarem.

Nos cultos os missionários, que só sabiam falar em inglês, cantavam hinos e todos ficavam maravilhados. Cantavam em duas vozes, e todos achavam de uma beleza sem igual e o poder de Deus, caía sobre eles, Berg (2000). Depois de alguns dias na cidade, ficaram sabendo que há muito tempo a igreja Batista se reunia aos sábados para pedirem a Deus em oração, que enviassem novos missionários ao Brasil. Para Berg e Vingren foi mais uma confirmação de Deus e os membros daquela igreja creram que eles foram realmente enviados por Deus para aquela cidade.

Vingren (2007) relata que como Berg era fundidor logo conseguiu emprego e ele então ficou com a missão de estudar a língua portuguesa e o que aprendera durante o dia, ensinava para Berg à noite. Continuaram cantando hinos nos cultos, e as pessoas ficavam encantadas, e logo eles não pararam mais de trabalhar na obra de Deus. Berg (2000) conta que eles começaram a receber muitas e muitas visitas no quartinho que eles moravam, e estas ficaram cada vez mais intensas. Os membros da igreja desejavam receber orações. Alguns já tinham recebido o batismo com o Espírito Santo e muitos doentes haviam sido curados. Foi quando eles resolveram fazer cultos à noite ali naquele quarto-corredor. E relata que as bênçãos e o poder de Deus, mesmo naquele lugar desconfortável, desciam ali. Depois fizeram cultos de oração na semana seguinte, na casa de uma irmã que tinha uma enfermidade incurável nos lábios. Eles oraram por ela e relatam que o Senhor Jesus a curou completamente.

Eles investiram suas vidas e seu tempo dedicando à obra de Deus, no Pará. Vingren (2007) comenta que orou por uma senhora (Celina Albuquerque) e, após receber a oração de cura, a senhora além de ficar totalmente curada, imediatamente recebeu o batismo no Espírito Santo orando em línguas por duas horas seguidas. Celina Albuquerque (1876-1966) foi a primeira pessoa a receber o batismo no Espírito Santo entre os membros da Igreja Batista de Belém, e a primeira que creu

na doutrina pentecostal pregada pelos suecos. Portanto, essa senhora, segundo sua biografia, fez parte do grupo fundante da Assembleia de Deus. No outro dia, foi batizada uma segunda mulher de nome Nazaré que cantou um hino espiritual. Vingren queria mostrar a chama pentecostal que Deus havia acendido em seu coração.

Relata Vingren (2007) que outro missionário sueco, Erik Nilsson, que já tinha sido enviado pelos Estados Unidos antes deles, para a igreja Batista ali no Pará, nada falava diante das notícias que corriam. Até que certo dia relata Vingren, que este pastor pediu que eles parassem de falar que Jesus batiza com o Espírito Santo, pois poderia propagar divisões. Isto deixou claro que algo incomodava este pastor, e logo Vingren e Berg perceberam que isto poderia mudar completamente o plano de Deus para a obra pentecostal no Brasil, por intermédio deles. Berg (2000) conta que certa noite, este mesmo pastor batista, visitou o quartinho no horário do culto, e rejeitou o convite de entrar e participar com eles. Relata que o pastor falou que deveria tomar uma decisão. Que o batismo com o Espírito Santo e curas divinas, existiram só na época de Jesus e que eles estavam causando dissensões na igreja. Vingren tentou explicar que eles estavam somente fazendo com que as pessoas tivessem experiências espirituais diferentes e que queria a união entre todos. Um dos diáconos mais antigos da igreja, também defendeu os missionários, mas nada adiantou. Passaram-se alguns dias na igreja batista, aconteceu uma reunião extraordinária, onde teve uma votação para saber quem estava de acordo com os missionários. Então dezoito membros da igreja se manifestaram a favor. O pastor então os expulsou da igreja definitivamente juntamente com os missionários. Isto ocorreu no dia 13 de junho de 1911, Vingren (2007). Depois deste ocorrido, Daniel Berg e Gunnar Vingren começaram a organizar oficialmente o primeiro culto pentecostal do Brasil, na casa da irmã Celina Albuquerque, que gentilmente cedeu a sala da sua residência, e que ficava situado na Rua Siqueira Mendes, número 67. Foi quando em 18 de junho de 1911, nascia, no Brasil, a igreja “Missão da Fé Apostólica”, que mais tarde passou a se chamar Assembleia de Deus, tendo como primeiros membros, os 18 crentes batistas de Belém (PA) que creram na doutrina do batismo no Espírito Santo.

Foram eles que iniciaram o movimento pentecostal no Brasil, o que fez alterar profundamente o perfil religioso e até social do Brasil por meio da pregação de

Jesus Cristo como o único e suficiente Salvador da Humanidade e a atualidade do Batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais (CPAD, 2011).

As igrejas existentes na época – Batista de Belém do Pará, Presbiteriana, Anglicana e Metodista - ficaram bastante incomodadas com a nova doutrina dos missionários, principalmente por causa de alguns fiéis que se mostravam abertos ao ensino pentecostal.

Araújo (2007) nos diz que “A teologia implantada por esses missionários foi voltada para a o pentecostalismo escandinavo, e não para as Assembleias de Deus norte-americanas”. Entretanto, somente em meados dos anos 1940, a AD no Brasil recebeu influências diretas e mais intensas das norte-americanas.

Assim, ao analisar a trajetória histórica desses missionários, pode-se notar que a permanência atual das igrejas permanece ligada ao carisma de seus fundadores, tornando-se referência pela aceitação da “profecia de Deus”, vista até como um sacrifício assumido pelos jovens suecos. Ao longo do tempo, esse carisma, depois de depurado após sucessivas narrativas na curva do tempo, torna-se uma tradição, o que conseqüentemente o legitima como mito (CORREA, 2012, p. 70).

Ao pesquisar a história da AD no Brasil, observa-se que, entre os anos de 1911 e 1940, os missionários suecos eram soberanos na orientação doutrinária. Os jornais e as lições bíblicas nas escolas dominicais eram exclusivamente dos missionários escandinavos. Todos os artigos publicados nos jornais brasileiros eram revisados por eles. Segundo Araújo, (2007, p. 905):

(...) na liturgia e em alguns costumes, pode-se afirmar que os pentecostais ainda são herdeiros dos primeiros missionários suecos. Apesar de nos últimos 15 anos sofrer a influência norte-americana na liturgia e costumes, pode-se afirmar que alguns costumes ainda permanecem fiéis aos dos primeiros missionários suecos.

Berg e Vingren, também dividiam a tarefa de fazer a revisão de todos os artigos publicados e as ministrações dos estudos bíblicos na Assembleia de Deus, com uns missionários escandinavos de igual influência teológica no Brasil, Gunnar Vingren, Samuel Nystrom, Nils Kastberg, Otto Nelson, Nels Nelson e Joel Carlson.

Correa (2012, p. 34) relata que,

conforme publicação no jornal *Mensageiro da Paz*, da década de 1930 e início dos anos 1940, as escolas bíblicas funcionavam sob a supervisão de Samuel Nystron, missionário sueco que era o mais requisitado para ministrar estudos bíblicos, especialmente o dispensacionalismo, os efeitos da obra de Cristo, o Corpo de Cristo e doutrinas bíblicas fundamentais. Somente entre os anos 1940 e 1950, os nomes dos missionários norte-americanos aparecem, dentre eles os de Lawewnce Olson, Leonard Pettersén, Teodoro Sthor e John Peter Kolenda.

Sobre o surgimento do nome “Assembleia de Deus”, afirma Correa (2012, p. 36), que:

(...) aconteceu em 1914, quando 300 ministros e delegados norte-americanos das novas denominações pentecostais se reuniram para fundir uma única igreja. Neste encontro (ou conclave, como ficou conhecido), foi adotado, em Hot Springs, o nome “Assembly of God”, nome usado desde 1912 pelo pastor Thomas King Leonard em sua pequena igreja em Findlay (Ohio). Nesse mesmo ano, no Brasil, os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, fundadores da igreja “Missão da Fé Apostólica”, em Belém do Pará, norte do país, receberam um casal de missionários suecos, Otto e Adina Nelson, procedentes dos Estados Unidos. Como o nome “Missão da Fé Apostólica” não foi bem aceito em seu meio, é provável que os novos missionários tenham sugerido o nome “Assembleia de Deus” para os missionários suecos. Em um culto em Belém do Pará, os missionários suecos perguntaram aos presentes se poderiam dar um novo nome à igreja, a exemplo da América do Norte, que usava Assembleia de Deus ou Igreja Pentecostal. Todos os presentes optaram por “Assembleia de Deus”.

A Assembleia de Deus, no entanto, continuou crescendo e expandindo por todo território nacional. Ela cresceu, em grande parte, a partir dos movimentos migratórios e da urbanização descontrolada para se estabelecer em diversas comunidades. A estrutura congregacional auxiliou enormemente esta expansão, pois, desvinculados de uma sede, podia-se fundar novos templos sempre que houvesse necessidade, sem maior preocupação com a estrutura hierárquica eclesial.

2.2 A EXPANSÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

A igreja Assembleia de Deus no Brasil, teve seu desenvolvimento e expansão de forma significativa que ocorreu não apenas através de igrejas e templos, mas também em cultos domésticos e círculos de oração. Dinâmica em sua expansão e implementação, sendo hoje a maior denominação evangélica do país.

Outro ponto característico da Assembleia de Deus e que auxiliou em sua expansão, foi a extrema rigidez em relação à conduta dos fiéis. Mantendo-se firme em relação à vestimenta e uso de acessórios, não permitindo extravagâncias em seus templos, fato que está sendo mudado de alguns anos pra cá.

Na AD, como no pentecostalismo em geral, há maior espaço em volta do púlpito, na medida em que a comunicação verbal da palavra é complementada pela comunicação gestual. Mas ao contrário do protestantismo histórico, na AD há maior participação dos fiéis também, seja através dos testemunhos ou do êxtase em receber por demonstrações de glossolalia, profetizando ou operando dons. Essas características favoreceram um crescimento com grande participação dos membros.

Conforme diz Pacheco (2006) a forma como se realizavam os cultos, onde a programação rígida sempre cedeu lugar à orientação do Espírito, assim como nos dias dos apóstolos, também foi um fator de crescimento. Esse procedimento trazia naturalidade às reuniões e promovia a inclusão de todos os fiéis na programação do culto.

Com este crescimento significativo, houve uma necessidade de se criar então jornais, programas de rádio e programas de televisão, para propagarem suas doutrinas por todo o país.

Fundaram então a Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD), que segundo Daniel (2004) *apud* Correa (2012, p. 125),

(...) criada em caráter de urgência em 1940 para deliberar acerca das medidas a serem tomadas em prol do jornal *Mensageiro da Paz*. Naquela ocasião, um decreto presidencial assinado por Getúlio Vargas forçou os líderes assembleianos a fundar uma editora. O decreto exigia que todos os jornais do país fossem registrados imediatamente no DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão que controlava a imprensa brasileira. O DIP foi criado para controlar, centralizar, orientar e coordenar a propaganda oficial, que se fazia em torno da figura do presidente da República. Abrangia a imprensa, a literatura, o teatro, o cinema, o esporte, a recreação, a radiodifusão e quaisquer outras manifestações culturais. Desde os jornais

mais sofisticados até os mais simples, qualquer um deles só poderia funcionar como personalidade jurídica. Com a fundação da editora, o jornal *Mensageiro da Paz* pode circular livremente, pois a CPAD respondia juridicamente por suas tiragens, dando-lhe todo suporte exigido na época.

E de acordo com o histórico da CPAD (Casa Publicadora da Assembleia de Deus) ARAÚJO (2007 p. 910) diz que:

A história da CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus - começa, oficialmente, em 13 de março de 1940, quando foi organizada juridicamente no Rio de Janeiro. Antes disso, na década de 30, já circulavam o jornal *Mensageiro da Paz* (MP), as revistas "Lições Bíblicas" e alguns livros e folhetos, que eram publicados em gráficas particulares. O primeiro registro do sonho de se fundar uma Casa Publicadora consta nas atas da assembleia geral da CGADB, realizada na AD de Belém do Pará, em 1936. Na ocasião, o missionário Nils Kastberg apresentou a proposta da Casa. O desejo de possuir oficinas gráficas próprias também foi registrado no jornal *Mensageiro da Paz*, em 1938, na coluna do jornalista Emílio Conde. Em 1940, o presidente Getúlio Vargas exigiu, através de um decreto, que todos os jornais fossem registrados no Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), órgão que regulava a imprensa. O decreto estabelecia também que somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. Visto isso, para não ter que interromper a veiculação do jornal MP, o missionário Samuel Nyström, então pastor da AD de São Cristóvão (RJ), pediu ao presbítero Lauro Soares que providenciasse a elaboração de um estatuto de uma Casa Publicadora e que fizesse o seu devido registro em cartório. Feito isso, nasceu a CPAD que se tornou a proprietária do *Mensageiro da Paz*. (...) Em janeiro de 1949, o *Mensageiro da Paz* passou a ser impresso pela editora em suas próprias impressoras. Já na década de 60, a grande conquista foi a inauguração da sede da CPAD na Estrada Vicente de Carvalho (zona norte do Rio de Janeiro), onde permaneceu por 22 anos. Em 1977, foi lançada a revista "O Obreiro", terceiro periódico da Casa, destinado à edificação de ministros e oficiais das Assembleias de Deus e, em 1978, começou a circular a revista "Jovem Cristão", primeiro periódico totalmente em cores lançado pela CPAD. Com o passar dos anos e a chegada da década de 90, a Casa ainda tinha uma presença muito tímida no mercado editorial evangélico brasileiro para uma editora que representa a maior denominação evangélica do país. A partir desse momento, uma nova postura foi adotada: transformar a Casa Publicadora numa editora moderna. Em 25 de janeiro de 1992, a Casa Publicadora foi transferida para Bangu (zona oeste carioca) e, em 4 de março de 1993, Ronaldo Rodrigues de Souza, administrador de empresas e Publisher, foi empossado diretor-executivo da CPAD. A partir desse ano até hoje, a CPAD entrou em um período sólido de prosperidade administrativa, editorial e financeira que nunca experimentara em toda a sua história. Com esse novo pensamento, nos últimos anos, a tiragem de revistas de Escola Dominical passou de 1 milhão para mais de 2,2 milhões trimestrais. Com isso, a cada três meses mais de dois milhões de novos alunos aprendem a Palavra de Deus todos os domingos. Antes, eram vendidos 60 mil livros por ano, atualmente, são mais de 700 mil obras que atendem

diversos segmentos de nossa igreja. Destacam-se as teológicas, comentário e dicionários. Para atender aos países de fala hispânica e aos latinos morando nos EUA, a CPAD fundou, em 1997, a Editorial Patmos, seu braço editorial internacional com sede na Flórida. No final do ano 2000, foi inaugurado um moderno prédio administrativo e editorial no mesmo terreno em Bangu para melhor acomodar a crescente equipe. Nesses últimos anos, a editora adquiriu novas filiais e as modernizou, aproximando-se mais dos clientes e proporcionando conforto a eles. A intenção atual da Casa é implantar uma filial em cada estado do Brasil e mais uma na África.

Atualmente, situada em Bangu-RJ, a CPAD tem como missão servir às igrejas das Assembleias de Deus com sua rede filiada e também às outras igrejas do ramo pentecostal em todo Brasil e no exterior, através de suas publicações: livros, jornais, revistas dominicais, DVDs e CDs. Segundo informações da própria CPAD, ela foi ampliada com equipamentos de última geração, o que permitiu realizar trabalhos de qualidade e com a rapidez que o mercado atual exige, e com isto está hoje entre as grandes e modernas editoras do nosso país (Correa, 2012).

A CPAD, no entanto, foi um dos pontos principais na divulgação desta instituição, juntamente com as emissoras de rádio que iniciaram com suas transmissões, desde meados dos anos 50 de acordo com ARAÚJO (2007 p. 908):

No dia 2 de janeiro de 1955 foi ao ar pela primeira vez o programa de rádio Voz das Assembleias de Deus. Pioneiro do rádio evangelismo brasileiro, o programa foi iniciado pelo missionário Nels Lawrence Olson, e transmitido pela rádio Tamoio, do Rio de Janeiro, e para outras partes do Brasil pelas rádios Tupi, Mayrink Veiga, Copacabana, Relógio, Mundial, Atalaia, Marumby, Boas Novas, e por mais oito rádios em outros Estados. O orador, Lawrence Olson, teve ao seu lado no primeiro programa, o missionário Nels Nelson, os pastores Paulo Leivas Macalão, José Pimentel de Carvalho, Marcelino Margarida, Moisés Malafaia, Belarmino Pedro Ramos, João Kolenda Lemos e sua esposa Ruth Dorris Lemos, André Hargrave e sua esposa, além de outros pastores e membros de igrejas do Rio de Janeiro. O programa era transmitido tradicionalmente aos domingos, às 22h, após o culto noturno das igrejas. Era transmitido também para outros países pela HCJB (Voz dos Andes), de Quito (Equador) e pela KGEI, da Califórnia (EUA). Foram narradores do programa: José Pimentel de Carvalho, Emílio Conde, João Pereira de Andrade e Silva, Luís Babo e Kleber Moura. A mensagem era sempre pregada por Nels Lawrence Olson. O programa foi transmitido durante 34 anos, até o retorno definitivo de Lawrence Olson aos Estados Unidos, em 1989.

Posteriormente a esta data, outros programas também foram iniciados com muito sucesso com Pastor Cesino Bernadino e Matheus Iensen.

As pesquisas ao longo dos anos foram constatando o real crescimento dos membros da igreja Assembleia de Deus no Brasil. Para Correa (2012, p. 92),

As Igrejas ADs, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo (2000), contavam com cerca de 8,4 milhões fiéis, número que as colocava em primeiro lugar entre as Igrejas evangélicas do país, com 47% dos adeptos. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha, em 1994, indicou que um percentual de 14% da população brasileira é evangélica. Em 2006, este percentual subiu para 23%; e, em 2010, esse crescimento saltou para 25%. As igrejas ADs encontram-se na maior parte das grandes cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, onde reúne 760.000 fiéis. Em São Paulo, possuem cerca de 500.000 adeptos. A terceira cidade é o Recife, que conta com aproximadamente 300.000 adeptos. (...) Nos estados do Amazonas, do Pará, do Tocantins, do Maranhão, do Ceará e do Rio Grande do Norte, em média, em cada três pentecostais, dois são membros das ADs.

Na América Latina, o Brasil se destaca como o país com o maior número de evangélicos, afirmado pelos dados do IBGE de acordo com o Censo Demográfico do ano de 2010, conforme tabela a seguir. Dentre os cerca de 42 milhões de evangélicos no Brasil, a Igreja Assembleia de Deus abriga, sozinha, 12.314.410 de todos eles. Os dados do censo realizado no país demonstram que a população “migrou” de outras religiões e, principalmente, da Igreja Católica para as Igrejas Evangélicas Pentecostais (IBGE, 2010).

Religião	Pessoas	%
Católica Apostólica Romana	123.280.172	64,63
Evangélicas	42.275.440	22,16
Sem religião	15.335.510	8,04
Espírita	3.848.876	2,02
Outras religiosidades cristãs	1.461.495	0,77
Testemunhas de Jeová	1.393.208	0,73
Não determinada e múltiplo pertencimento	643.598	0,34
Umbanda e Candomblé	588.797	0,31
Católica Apostólica Brasileira	560.781	0,29
Budismo	243.966	0,13
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226.509	0,12
Não sabe	196.099	0,10
Novas religiões orientais	155.951	0,08
Católica Ortodoxa	131.571	0,07
Judaísmo	107.329	0,06
Tradições esotéricas	74.013	0,04
Tradições indígenas	63.082	0,03
Espiritualista	61.739	0,03
Sem declaração	45.839	0,02
Islamismo	35.167	0,02
Outras religiosidades	11.306	0,01
Hinduismo	5.675	0,00

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010.

Correa (2012, p.71), reforça sobre a expansão e crescimento da igreja Assembleia de Deus:

Apoiada no direcionamento divino obtiveram uma significativa expansão, em pouco tempo, em todo território nacional. Passaram também por alterações significativas em sua estrutura primária. Se no início essa denominação era composta por pessoas de baixa renda e de pouca escolaridade, agora temos um novo perfil: igrejas totalmente remodeladas e com perfis bem diferentes do perfil anterior, que atendem prontamente a todos os perfis. Também houve uma mudança significativa na questão dos usos e costumes da comunidade assembleiana; o Ministério AD Bom Retiro – SP, por exemplo, foi considerada uma igreja moderna, desde sua fundação.

A igreja Assembleia de Deus também contou na sua história com dois pastores que foram os primeiros a se desligarem desta instituição como cita Correa (2012, p. 74):

Manoel Higino de Souza, o primeiro pastor a deixar as ADs e fundar sua própria igreja com outro nome. (...) Paulo Leivas Macalão, segundo pastor a se desligar oficialmente à Assembleia de Deus e o primeiro a fundar um ministério autônomo dentro da própria denominação, o Ministério Assembleia de Deus Madureira. A partir dessas primeiras cisões assembleianas, posteriormente, ocorreram novas cisões e, a partir de então, outros ministérios surgiram com mais independência, funcionando sem nenhum vínculo com os demais. Com isso, os ministérios ganharam fortalecimento administrativo, representado pela figura do pastor presidente - termo criado pelo próprio Macalão na década de 40, desencadeando o maior desafio dentro das ADs: a questão da fragmentação. Atualmente, as Assembleias de Deus fragmentam-se facilmente. Além da fragmentação dentro dos grandes ministérios, ainda existe o problema da pulverização, com o surgimento de inúmeras *igrejas pequenas*, que formam uma grande rede chamada "Assembleia de Deus". Cada qual conta com uma liderança independente, o que torna cada vez mais difícil compreender a sua lógica de funcionamento e a questão do poder.

Devido a sua expansão e opiniões de pastores que iam se divergindo ao longo dos anos, a Assembleia de Deus achou necessária a criação da CGADB: (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), uma espécie de associação de pastores ou de igrejas. Apesar de funcionar desde a década de 1930, somente cerca de cinquenta anos depois a CGADB passou a concentrar influência e poder dentro da estrutura assembleiana. Sua primeira eleição para presidente aconteceu em 1996. Desde então, a CGADB é liderada pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa, Correa (2012).

Diante deste crescimento, e considerando que a igreja Assembleia de Deus, mesmo sofrendo mudanças, tem sua característica em seus usos e costumes e doutrinas, ficando então o seguinte questionamento: Qual a concepção dessa igreja em relação ao corpo? Portanto no capítulo 3, será abordada a concepção de corpo desta instituição, investigados em revistas de escola dominical, publicadas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus no Brasil.

3 A ASSEMBLEIA DE DEUS E O CORPO

A Assembleia de Deus é uma igreja que já completou seu centenário. E desde a sua fundação se espalhou com a ação planejada de seus líderes, mas também pela mão de pessoas simples. Para Rigoni (2008), “foi em 1930 em que a Assembleia de Deus consolidou sua expansão por todo o país”.

Esta denominação foi se tornando cada vez mais forte e até mesmo sua sede que era em Belém foi transferida para o Rio de Janeiro. Em uma primeira Convenção Geral das Assembleias, realizada em Natal, em 1930, os missionários suecos entregaram todos os templos e salões de reunião que pertenciam à missão sueca para as igrejas brasileiras. Nas últimas décadas, o maior contato internacional das Assembleias de Deus tem sido com os Estados Unidos. Como houve certo atrito entre os missionários suecos e americanos, pois os suecos achavam os americanos muito mundanos, os últimos tiveram que apelar para outras qualidades, relata Rigoni (2008).

A Assembleia de Deus, em sua criação teve a adesão em quase sua totalidade de pessoas simples, com pouco estudo e de classes sociais baixas. Mas atualmente vem passando por um processo de ascensão social. Como ela não quer ser comparada a grupos como a igreja Universal do Reino de Deus, seus cultos se tornaram mais comedidos, principalmente nas igrejas-sedes, já muito frequentadas por pessoas que se encontram em processo de ascensão social e onde os membros mais humildes já não se sentem à vontade para ir. As características da igreja são vistas agora com novos olhos. Nesta mudança, os membros mais bem-sucedidos economicamente ou a deixam ou a remodelam de acordo com suas posições, tornando-as mais parecidas com as novas denominações. Isto acontece porque as pessoas que possuem uma situação econômica mais favorável não se sujeitam às inúmeras normas e ao controle exagerado de seus comportamentos, como sempre foi o costume desta denominação. Já as pessoas de classes sociais desfavorecidas se submetem mais facilmente às condições exigidas pela Igreja, pois já estão habituadas a viver de forma mais limitada pela própria condição de vida em que se encontram.

A Assembleia de Deus passa porém por período de questionamentos, no que tange entre aderir às mudanças ou manter acesa a chama do conservadorismo. Por enquanto, o que persiste é a manutenção do conservadorismo, visto que os fiéis da

Assembleia de Deus ainda são, em grande maioria, os desfavorecidos economicamente. Estes tendem a se submeter facilmente às normas antigas da Igreja, pois preferem esperar para gozar da felicidade e das delícias prometidas no “paraíso”, enquanto nesta vida tão precária que levam, nem têm condições de usufruir das delícias que o “mundanismo” oferece. Mariano (1999) fala que, talvez, estes crentes se submetam e aceitem de forma tão fácil estas proibições porque as próprias condições de vida da maioria deles já lhes infligem inúmeras privações. Ou seja, o sacrifício é menor quando não se tem acesso, por falta de condições financeiras, às coisas que lhe são proibidas.

Para completar as características enaltecidas na Assembleia de Deus, Bandini (2004) *apud* Rigoni (2008) diz que a teologia do pentecostalismo foi caracterizada pela ênfase na oralidade. As igrejas evangélicas são as “religiões da palavra”. Isso permitiu a compreensão e vivência religiosa a todos que se sentiam à margem do “ensinamento”, por este centrar-se na escrita. Assim, o pentecostalismo democratizou, à sua maneira, a salvação e o conhecimento da “palavra de Deus”.

Por ter a oralidade como principal meio de apresentar sua teologia, o pentecostalismo “abre espaço, mais para o exercício dos mecanismos sensoriais do que para os discursos racionais” (BANDINI, 2004, p.42). Com isso, a autora exalta a importância do corpo na expressão desta crença. O corpo mostra o que o fiel está sentindo, ele simboliza a relação que o fiel tem com a fé. Neste sentido, inverte-se a hierarquia da alma sobre o corpo. Apesar dos evangélicos assumirem a alma como superior ao corpo, nas palavras da autora o corpo torna-se mais importante do que a alma, pois é ele que demonstra a experiência religiosa.

O corpo expressa não somente a “mudança individual” provocada pela fé, como mostra que outras pessoas não são convertidas, e isto só é possível porque os evangélicos possuem características referentes ao corpo (a aparência) diferenciadas dos fiéis de outras religiões.

Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação (MARIANO, 1999, p.190).

Neste sentido, é no corpo que se imprimem estas condutas. Vigiar, cobrar atitudes e gestos é importante para os crentes porque, para eles, as “ciladas do Diabo” se dão por meio do corpo. Penso que quanto mais sectária e tradicional é uma denominação, maiores são os cuidados com o corpo do crente. Evitar frequentar lugares que proporcionem prazer corporal é a forma de não cair em tentação pois a alma resiste às provocações do Diabo, mas o corpo não. Por isso, para os evangélicos, cada passo, cada gesto, pensamento, desejo, olhar e comportamento podem conduzir à “danação eterna”, ou, ao contrário, pode conduzir o fiel a Deus. “Na perseguição do que é mundano e põe em risco a salvação, as esferas da sexualidade e do lazer são consideradas as mais perigosas” (MONTEIRO apud MARIANO, 1999, p.191). Isto, porque as duas práticas estão intimamente ligadas ao corpo e a carne se apega facilmente às coisas mundanas. (Rigoni, 2008, P. 47 – 49).

O corpo ou por meio dele, é possível expressar sentimentos, desejos, vontades e inúmeras reações, pois o corpo tem o poder de falar sem mesmo utilizar da voz. No entanto para Rigoni (2008, p. 58),

Para os evangélicos, a posição corporal (o gesto) deve expressar o louvor e a obediência a alguém que é superior a eles, ou seja, Deus. Por isso o gesto de se ajoelhar perante o Ser Supremo é o mais adequado, pois mostra a submissão do fiel ao seu Deus. Ou seja, um gesto trivial, aparentemente simples, que faz parte do dia-a-dia de toda a membresia da Igreja e que para eles é apenas um ato costumeiro, é justamente o que me interessa neste estudo. São estes pequenos rituais corporais, gestos aparentemente sem importância para os fiéis, que já os executam quase que de forma “automática” que busquei observar, pois são justamente eles que simbolizam uma forma de educação corporal religiosa. Assim como uma pessoa foi educada a segurar os talheres de uma forma específica e, por costume, repete espontaneamente o mesmo gesto diante das refeições, estes fiéis se acostumaram com alguns gestos que são significativos justamente porque estão presentes no seu cotidiano.

Já dizia Durkheim (1996) que as crenças consistem em representações (opiniões), maneiras de pensar sobre algo e os ritos são justamente os modos de ação que determinam estas crenças. Nisso, há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento. Rigoni (2008) afirma que se partirmos da ideia deste autor, poderemos ver que numa religião existe “aquilo que é da alma” e “aquilo que é

do corpo”. E o que pertence ao corpo é significativo, pois reflete uma educação religiosa. A alma crê e o corpo demonstra através de gestos algo que exprime esta crença. Dito de outra forma, o rito serve para atestar o que a crença diz.

3.1 OS ENSINAMENTOS A RESPEITO DO CORPO NA ASSEMBLEIA DE DEUS

A Assembleia de Deus tem seus costumes tanto no vestir, no louvar, no adorar, no cantar, no ajoelhar, entre outros, que contribuem para caracterizá-la. Portanto, buscar entender como se ensinam a respeito do corpo na Assembleia de Deus é o que faremos a seguir.

Foram utilizados referenciais bibliográficos, especificamente Revistas da Escola Bíblica Dominical (EBD), da Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD). A revista mais antiga encontrada na biblioteca desta instituição na cidade de Quirinópolis – Goiás foi do ano de 1965. Propondo a pesquisar um período de quatro décadas, ficou limitado então até o ano de 2003, onde foi possível encontrar todas as edições. Estas revistas pesquisadas são da classe de jovens e adultos. Embora a CPAD edite vários outros materiais, como Jornal Mensageiro da Paz, Revista O Mensageiro, entre outros, a escolha pelas revistas da EBD se deu pelo fato do número de pessoas que tem acesso a este material é maior em comparação com os demais.

Nem todas as lições contidas nas edições da revista da EBD neste período de 1965 a 2003 da classe de Jovens e Adultos, contêm estudos que retratam a temática “Corpo”. Sendo assim, serão relatadas a seguir todas as edições que trouxeram como temas algo referente ao corpo. Essas revistas são editadas trimestralmente, e possuem um escritor, que são chamados de “Comentador”. É notório perceber que o tema corpo permeia pelos ensinamentos desta denominação em vários sentidos.

Na revista intitulada Lições Bíblicas, do 2º trimestre de 1965, na página 56, comentada por João de Oliveira, traz com título Santificação. Em um dos tópicos Verdade Prática diz assim: “Quando vivemos em santidade, estamos no plano de Deus e numa vida digna do Senhor”. O comentador inicia a explicação se remetendo no antigo testamento a palavra santificação que era um tanto vaga, e mais de ordem cerimonial; tratava-se de limpeza e higiene do corpo e do lugar onde estivessem;

referenciando Êxodo 19:10, Levítico 15:4 e Números 8:7. Depois comenta que a santidade que é uma palavra hebraica (*QUDESH*) e que significa “separação”, e que quando aplicada a coisas ligadas a Deus quer dizer separação de todo mal, de tudo que é limitado ou imperfeito. Quando aplicado às criaturas significa: separado do mal e dedicado ao bem em plena comunhão com Deus, se referenciando em Colossenses 1: 10-11. O comentador ainda ressalta o versículo em João 17:15 que diz “ Não peço que os tires do mundo, mas que os guarde do mal”. Não basta separar-se do mal, para ter santificação, comenta. Diz que necessitamos manter comunhão com Deus, que é a fonte principal. Que a santificação é a separação do mal para completa comunhão com Deus e a criatura se afasta de tudo que é pecaminoso e mau e apega com o bom, referenciando em Romanos 12:9. Para o comentador santificação não é apenas deixar de fazer coisas impróprias ou mesmo fazer algo de bom, como jejuar, dar esmolas ou separar certos dias, que comumente se é chamado “consagração”, deixar de fumar, de beber, tudo isto é bom, comenta, mas se deve acrescentar à tais práticas, não guardar mágoas ou odiar o irmão ou mesmo falar mal do próximo. O autor enfatiza que a santificação tem duas finalidades: agradar a Deus e ser chamados para participarem da glória eterna. Referenciando em I Tessalonicense 4: 7, que diz: “Porque não nos chamou para a imundícia, mas para a santificação”. O comentador fala que o paganismo tem como alvo principal, vidas dissolutas, festas obscenas, as bacanais, lupanais e por que não dizer o carnaval de hoje. Então conclui este estudo dizendo que “Santidade é uma vida de luta, submissão e crucificação da carne com suas paixões”, se referenciando em Gálatas 5: 23-25. E que a santidade pessoal, são as exigências que se encontram no caráter de Deus.

Podemos ver que santificar-se para a Assembleia de Deus é renunciar várias práticas tidas como mundanas, e que o corpo é um dos tópicos que se exige tais renúncias que para este comentador, a santificação exige anulação do corpo ou da carne como ele retrata.

Na lição bíblica do 4º trimestre de 1967, página 59, comentada por José Menezes, traz como título “O perigo da Intemperança”. Dentre vários tópicos que caracterizam a intemperança, o comentador se refere ao “Trajar”, citando I Timóteo 2: 9-10 e I Pedro 3:3-5, dizendo que abusar de tais coisas, é viver uma vida absoluta e intemperante, oposto ao espírito da Bíblia, referenciando em Filipenses 4:8. Também se dirige à mocidade dizendo que não deve o jovem deixar-se ir pelo

caminho do seu próprio coração e pensamentos; que o perigo o espreita a passos curtos. Diz ainda para não se entregar à volúpia, que é sempre o porto de estacionamento, no caminho do amor carnal, do amor que não é amor; baseado em Gênesis 34: 1,2 e Provérbios 7: 6-10, 22. Comenta o autor que o amor da mocidade cristã, o verdadeiro amor cristão, deve ser pintado com as cores impolúveis da temperança, forja onde se caldeia o temor e a santificação, onde não há escândalo e suas tremendas consequências.

Nesta lição acima, a temperança vem ressaltar o corpo em suas vestes e o corpo santificado. Ser temperante ao trajar, demonstra o quanto a Assembleia de Deus preza o traje mais contido, refletindo nas roupas das mulheres e nas dos homens. E quando o autor se refere à santificação, mais uma vez se refere ao corpo que não pode se deixar levar somente pelos prazeres da carne, mas deve ser temperante, deve esperar o momento certo para viver o que lhe é permitido.

Na lição bíblica do 4º trimestre de 1968, página 56, comentada por Túlio B. Ferreira, traz o título “Jesus é a cabeça da Igreja – Que é o seu corpo”. O comentador fala que a igreja é um corpo, um organismo vivo e que Jesus é a cabeça da Igreja. Isto ele se refere de ser uma união perfeita, pois a cabeça está ligada ao corpo, formando unidade. Comenta que O corpo é abençoado, beneficiado, privilegiado, pois em Cristo as pessoas são abençoadas com todas as bênçãos celestiais. Também diz que o Corpo é provido, prevenido e protegido através da Cabeça. Assim, diz o autor, que também é com Cristo, que devem partir toda a energia e orientação para as atividades da Igreja. Na cabeça está o cérebro que dirige que comanda e equilibra todo o organismo. Que todos os sentidos físicos tem sua sede na cabeça. Que estando em Cristo são como chamas de fogo. Sua visão é ampla e penetrante. Eles provem para o corpo, manutenção, cuidado e direção. Fala ainda que o corpo é o órgão que executa as ordens da cabeça, se referenciando em Efésios 4:16. Que todos os atos, impulsos e reflexos do corpo dependem da cabeça. Então da mesma sorte a Igreja, o corpo de Cristo, realiza sua obra aqui na terra.

Esta é outra visão acerca do corpo. Agora aqui o corpo é colocado como o corpo que é fixado a uma cabeça, e esta cabeça é Cristo. Ele comanda o corpo que é a igreja.

Na lição bíblica do 1º trimestre de 1969, página 15, comentada por Missionário N. Lawrence Olson, traz o título, “O testemunho pessoal”, falando de

Filipe baseado em Atos 8: 26-40. Utiliza Filipe como exemplo, como alguém que soube testemunhar de Cristo, no falar, no agir, no andar. Diz que Filipe foi o tipo de crente bom, completamente disposto a obedecer à chamada de Deus, por isso foi tão usado por Ele. Fica claro que neste estudo, o corpo mais uma vez é para a santificação, para somente seguir e fazer a vontade de Deus. Que todo crente deve sentir a necessidade de ser uma testemunha de Jesus, assim cooperando no ministério evangélico.

Que ter testemunho pessoal é poder agradar a Deus com seu corpo e com suas atitudes.

Na lição bíblica do 4º trimestre de 1969, página 78, comentada por José Menezes, traz a temática “Quem conserva a pureza evita a infelicidade”. O comentador enfatiza as questões a cerca do corpo, das vontades, da pureza moral. Que sem pureza moral não há felicidade nem na vida nem na morte. Comenta que quanto mais contato com Deus e afastamento do mundo, tanto mais pureza, pois assim não correm o risco de perder o corpo nem a alma. Também relata sobre as consequências do contato com pessoas indignas, que levam à desmoralização e perda de honra, críticas, ainda com o prejuízo da juventude por falta de temor de Deus e da prudência. Ele também discorre a respeito de não ceder ao primeiro impulso, pois é difícil envolver-se na labareda e sair ileso do fogo, comenta. Então aqui fica claro, que é necessário dominar a si mesmo, dominar o corpo, dominar os desejos, evitar a impureza moral, neste sentido fala diretamente em relação ao ato sexual, que só lhe é permitido dentro do matrimônio, comenta o autor, que é melhor casar do que dar-se à corrupção moral, ser devorado pelas chamas da sedução que culminam com o adultério ou abuso da honra alheia, cujas consequências são eternamente prejudiciais, e Deus detesta tal imoralidade, referencia o autor em Levítico 20:10, Provérbios 5:8, I Coríntios 6: 9,10 e Apocalipse 22:15. Depois ainda comenta que quem procura evitar a impureza moral, será feliz aqui e na eternidade.

O autor desta lição reforça o que as lições anteriormente citadas, vem dizendo. O corpo é para santificação e não para a impureza.

Na lição bíblica do 1º trimestre de 1970, página 16, comentada por Missionário N. Lawrence Olson, fala sobre “A atitude do crente para com o mundo”, já inicia dizendo que o amor a Deus e o amor ao mundo não podem habitar ao mesmo tempo, no mesmo coração (no item Verdade Prática). Depois comenta que um dos maiores perigos para o crente, de qualquer idade, é a atração do mundo. Diz

que a concupiscência da carne, referenciada em I João 2:16, trata-se da licenciosidade da carne, como se vê nos bailes, no Carnaval, nos circos, boites, nos cinemas, (cuja atração é puramente sexual), a TV em grande parte, a leitura de revistas de romance e pornografias, etc. Incluindo tanto o ato como o próprio pensamento e imaginações sensuais, adultério, fornicação e toda baixeza carnal. Complementa dizendo que o crente deve ter a sua atenção voltada para as coisas de boa fama: o culto a Deus, a leitura da palavra de Deus e a convivência com os filhos da fé, conservando-se puro aos olhos do Senhor e preparado para a vinda de Jesus, referenciando em Gálatas 5: 17-21.

Neste contexto as coisas ditas do mundo, não são próprias para o corpo do crente, pois o crente tem que ser diferente do todo. O crente tem que ser puro, tem que ser santo.

Na lição bíblica do 1º trimestre de 1972, página 5, comentada por José Menezes, comenta sobre “As vestes espirituais da noiva de Cristo”. Os crentes são o corpo da igreja, Cristo é a cabeça deste corpo, e a igreja também é chamada de noiva de Cristo. No entanto a igreja, este corpo, esta noiva, precisa ter vestes espirituais para que se encontre com Cristo, na segunda vinda d’Ele, comenta o autor.

Mais uma vez se fala da santificação da igreja, em cada membro, conservará limpas as vestes espirituais, que tem fazer o melhor para Jesus, dar testemunho de vida, no andar, vestir, viver.

Na lição bíblica do 4º trimestre de 1974, página 47, comentada por Geziel Nunes Gomes, traz o título “Ganhando almas pelo exemplo”, inicia o comentador dizendo que o evangelho projetado por nossas vidas, é às vezes mais poderoso do que aquele projetado por nossas palavras. Relata que o crente é o sal da Terra, que os crentes têm grande influência no mundo. Que sendo sal, assume algumas características dele, como por exemplo, o sal é o elemento absolutamente diferente do meio em que é posto, assim como o crente difere em tudo das circunstâncias que o rodeiam. Diz ainda que é necessário ser exemplo, na casa de Deus, no lar, no trabalho, no colégio e por onde andar.

Nesta lição reforça de igual modo que o crente tem que domar seu corpo, que deve ser discreto nas vestes, no falar com sabedoria, no agir com temperança. O corpo do crente, fala muito neste quesito sobre ganhar almas, que significa convencer pessoas para o evangelho que eles seguem.

Na lição bíblica do 4º trimestre de 1975, página 40, comentada por Geziel Nunes Gomes, diz “Como o cristão deve andar”, fala sobre o crente que deve andar segundo a vocação, andar na verdade, andar em espírito, andar em amor, andar como sábios e andar como filhos da luz. Como filhos da luz retrata que Deus separou a luz das trevas. Então Deus nunca permitiu que a luz se misturasse com as trevas. E que as coisas do mundo são coisas das trevas, e que o crente precisa afastar-se das trevas.

As coisas do mundo quando o autor cita, se refere àquelas que trazem impureza para o corpo. O sexo fora do casamento, o modo de falar, o modo de vestir, a mentira, etc. Então o crente deve andar sempre agradando a Deus.

Na lição bíblica do 2º trimestre de 1977, página 18, comentada por João de Oliveira, se intitula por “O nosso corpo é um santuário de Deus”. A ideia que o autor traz é que a Igreja é um corpo ou edifício espiritual – a igreja de Cristo, baseado em I Coríntios 6:9. Ele fraciona os tópicos dizendo que a Igreja é o corpo de Cristo, sendo morada de Deus, e que vivam em união os filhos de Deus, pois fazem parte de um mesmo corpo. Também fala que a igreja é como um edifício. Um corpo que tem suas divisões, seus departamentos, mas fundamentados num único corpo, num único fundamento, num único alicerce, numa única base. E também comenta que vivamos na graça e no corpo de Cristo. Mais uma vez reforça a ideia de comunhão uns com os outros, para que sejam abundantes na graça do Senhor. E ainda diz que o corpo sendo santuário de Deus, não se pode destruí-lo. O sentido de destruir no grego *frô* significa corromper ou estragar.

Reforça então aqui a ideia de santificação mais uma vez, que a vida cristã deve ser mantida em santidade. Que somos santuários de Deus. Isto significa que temos que mantê-lo em boas condições físicas, moral e espiritual. O autor conclui ressaltando que Deus é santo e deseja que sejamos santos em toda maneira de viver, referenciando em I Pedro 1:15.

Na lição bíblica do 1º trimestre de 1981, página 43, comentada por N. Lawrence Olson, traz o título “A bíblia e os problemas da juventude”. O autor relata que a juventude passa por problemas físicos, por problemas emocionais, problemas de direção da vida, problemas sociais, problemas espirituais e problemas das convicções. No que tange à parte física, o jovem passa por uma fase de ativação das glândulas sexuais, comenta o autor. E que o corpo nesta fase sofre mudanças, mas que precisa ser orientado para saber a respeito de sexo conhecendo o

propósito divino. Em todos estes tópicos reforça o corpo sofrendo com estes problemas, e que para um jovem crente, tudo tem solução se ele for bem orientado pelos pais, e se ele for fiel à Bíblia.

Na revista do 2º trimestre de 1982 é composta por 13 lições. E todas elas retratam sobre personagens bíblicos servindo de exemplo para os jovens, para que eles não façam nada antes da hora certa, do momento certo, que agrade a Deus. A revista fala de Josué, o moço que não deixava a tenda; de Gideão, o moço valoroso; de Samuel, o moço pedido a Deus; de Davi, o moço valente no Senhor; de Elizeu, o moço vigilante; de Josias, o moço que buscou a Deus; de Ester, a moça simples; de Rute a moça de fé; de Maria, a moça que escolheu a melhor parte; de Isaías o oco profeta; de Estevão, o moço mártir e de Timóteo, um moço de testemunho.

Sempre em cada lição se reforça a ideia de ser santo, de agradar a Deus com atos e com o próprio corpo.

Na lição bíblica do 3º trimestre de 1987, página 27, comentada por Estevam Ângelo de Souza, se intitula “O padrão divino para a esposa”. Traz nesta lição, o caráter submisso que a esposa deve apresentar diante de seu marido, também que ela tenha respeito, bondade e amor. O autor fala que não significa escravidão ao marido, mas uma obediência espontânea, racional e coerente. Também traz o comentário do adorno delas, que devem ser distintas e adornadas, não com uma ornamentação externa e, sim, com a beleza íntima do caráter cristão – um adorno espiritual, composto das riquezas da alma, que as embelezam. Diz o comentador que o apóstolo Pedro, desaconselha o exagero das mulheres quanto ao uso de adornos artificiais. Não proíbe o uso de roupas de boa qualidade, nem ensina o desleixo nas vestes, mas sim, as ostentações exageradas que transmitem a impressão de mero exibicionismo e vaidade, além de, em alguns casos, servirem como meio de atração sexual. O mais belo ornamento da mulher crente é a espiritualidade exibida através de toda a sua conduta diante de Deus, dos homens e da Igreja de Cristo, se referenciando em I Pedro 3: 3-5; I Timóteo 2: 9 e 10.

Complementa dizendo também que para a esposa cristã, a Palavra de Deus recomenda o mais belo e excelente ornamento a ser usado, qual seja “O homem interior do coração” o que significa que deve haver mais cuidado pelo embelezamento da alma que do corpo. Os ornamentos materiais, com o uso, se estragam e perecem, comenta o autor. Os ornamentos da graça, que embelezam a alma, quanto mais usados, tanto mais brilhantes e melhores se tornam. O melhor e

mais belo ornamento para a esposa cristã é: “Um espírito manso e tranquilo que é de grande valor diante de Deus”. Quando a personalidade da mulher é controlada por Cristo, sua vida é uma fonte de bênçãos e seu relacionamento com o marido se torna proveitoso, agradável e cativante. A esperança da mulher deve estar firme em Deus. Sua conduta deve ser simples e digna. Ela deve mostrar-se modesta, temperada, santa e pura. A vida de uma mulher crente é um sermão eloquente. Ela vale mais que rubis. E ainda ressalta os deveres da mulher casada devendo amar o marido, que por amor a mulher se submete alegremente a seu marido, por amor cuida dele com delicadeza e respeito, por amor o estima de modo distinto e lhe dedica todo seu afeto sincero e leal, por amor tudo faz para agradá-lo ajudando-o na administração do lar, diz o comentador. A lição ainda fala sobre a fidelidade de marido e mulher no casamento, que a fidelidade conjugal é a base sólida para um casamento duradouro e lar feliz, e também relata que a mulher casada tem para com o marido e o marido para com a mulher, deveres conjugais específicos, pois um dos propósitos do casamento é evitar relações sexuais ilícitas, se referenciando em Hebreus 13:4. E ainda reforça o fato da mulher cuidar da casa, do marido e dos filhos, e se por acaso for preciso que ela se ausente para trabalhar, que tenha então aquiescência do marido e tudo seja feito com um prévio planejamento e concordância mútua.

Nesta lição a mulher é evidenciada como aquela que se submete ao marido, que agrada ao marido e que precisa da aprovação dele para realização de algumas ações. Aqui então o corpo da mulher é para o marido e do marido para a esposa. Mas percebe-se que são mais responsabilidades dadas às mulheres do que aos homens, no entanto, dá de se entender que a mulher se anula, ou anula seu corpo, para ornar-se de coisas vinculadas à alma sempre sendo submissa ao esposo.

Na lição bíblica do 2º trimestre de 1988, página 13, comentada pela Equipe da Divisão de Educação Cristã – DEC/DPU vem falando sobre “Sexualidade e pureza cristã”. Inicia o tópico verdade prática comentando que deus espera que conservemos os nossos corpos incontaminados para aprazível morada do seu Espírito. Diz que a sexualidade diz respeito ao aspecto referente ao sexo. É o conjunto dos fenômenos da vida sexual. Por sua vez, sexo é toda a diferença física e constitutiva do homem e da mulher, do macho e da fêmea comentam. Eles trazem um resgate histórico a respeito do sexo, abordando vários conceitos. Por exemplo, o Conceito de Mani, fundador do maniqueísmo, uma seita herética do III século, em

deliberada atitude de hostilidade contra o corpo, o sexo e a mulher, ensinou que esta é toda uma criatura do demônio, o homem o é só pela metade; acima da cintura ele é criatura de Deus, o resto é produto do demônio. Segundo ele, a união do homem e da mulher no casamento era, portanto, uma obra completamente demoníaca. Falam também sobre o Conceito de Orígenes, um dos mais destacados líderes da Igreja primitiva, considerava o sexo como algo tão ignominioso e pecaminoso que, num imprudente acesso de zelo, chegou a castrar-se, tanto era o seu temor em se envolver com o mesmo. Também comenta sobre o Conceito de Agostinho, outro dos pioneiros líderes da Igreja dos primórdios, dizia que o ato sexual reabriria a ferida espiritual curada pela obra de Cristo na cruz, de sorte que o aceitava com extremo rigor apenas no casamento, e que os filhos, resultados do relacionamento sexual, trazem consigo a contaminação e o pecado resultante desse ato. Outro conceito que trazem, é o de Jerônimo, um dos mais eminentes pensadores da Igreja dos primeiros séculos, que diz que o sexo tem uma função puramente animal, e que não há nenhuma ligação entre este e o amor. Nesta área Jerônimo ensinou ainda que de Adão até Cristo prevaleceu o império do sexo. Agora está tudo radicalmente mudado. Todo o batizado é consagrado a Cristo, vocacionado a uma vida virginal. A ideal para o cristão comenta. O casamento é tolerado, a contragosto, em função da procriação. A mulher não tem vez e é colocada na posição de simples instrumento do homem. É sempre uma dissoluta em potencial, um instrumento do demônio. Ensina mais que os casados são cristãos de segunda classe. E por último, dentro da história a lição fala do Conceito de Tomás de Aquino, que sem dúvida um dos mais respeitáveis doutores da Igreja, de forma um tanto mais moderada, porém revolucionária para sua época, ensinou que o relacionamento sexual é perfeitamente natural para o homem e a mulher, e que o prazer sexual não precisa ser honrado, compensado e dignificado por outros valores, já que o sexo em si mesmo não tem nada de mau.

Após relatar estes tópicos históricos, os comentadores desta lição entram no “Conceito Cristão do Sexo”, onde relatam que erroneamente muitos crentes, mal orientados, colocaram na mente que o pecado do primeiro casal, no Édem, foi a prática do ato sexual. A Bíblia, porém, nem de longe sugere tal ideia, pois a ordem divina ao casal ao ser criado foi: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra” de acordo com Gênesis 1:28. Relatam ainda que a sexualidade não é um dom exclusivo da espécie humana, ela foi dada a todos os seres viventes. Continuam

esboçando que o significado do sexo pode ser adequadamente compreendido quando visto em relação com o propósito de Deus ao criar o homem como uma entidade composta de espírito, alma e corpo. Que o homem é um ser carnal e espiritual. E que de acordo com a Bíblia, o sexo é sagrado e, dentro do casamento, deve ser aceito com gratidão e não com temor. O homem é um ser formado de carne e espírito, e cada uma destas partes deve ser aceita como boa na sua ordem. Como carnal, os desejos humanos de alimento, água, descanso e relações sexuais são perfeitamente lícitos e normais, e se baseiam na vontade soberana do criador, mas cabe ao homem saber dominar esses desejos, comentam.

No entanto para concluir este tema, os autores falam da pureza sexual. De que a pureza, em todos os níveis, é qualidade inerente, inseparável da vida cristã, e que ser puro é uma opção pessoal, assim como o apóstolo Paulo, todos os crentes têm diante de si a opção de fazer o que é “lícito” e o que convém, sendo possuidor de livre-arbítrio, ao homem tudo é lícito, tanto o que edifica quanto o que não contribui para a edificação, comentam. No entanto o crente, na qualidade de cativo da vontade de Deus, só faz aquilo que convém, não devem praticar a imoralidade sexual, pois o corpo não é para prostituição, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo. E também falam que o nosso corpo, deve ser mantido puro, pois é a sede da habitação de Deus no mundo, por isso deve mantê-lo imaculado.

O paralelo percebido nesta lição, é que o corpo pode ter seus prazeres sexuais se devidamente praticado no casamento, e o que é fora disto, é impureza, transgredindo o templo de Deus, que é o próprio corpo.

Na lição bíblica do 4º bimestre de 1993 na página 18, o comentador José Apolônio traz o título: “Jacó e os males da bigamia”. Inicia seu comentário dizendo que o plano divino para o homem, em relação ao matrimônio, é a monogamia. Qualquer outro ensino, sobre este assunto, é de origem demoníaca. O primeiro bígamo foi rejeitado por Deus, um descendente de Caim, chamado Lameque, cita o autor. Deus não aprova a bigamia, pois ela não é regra e nem exceção; é transgressão aos mandamentos do Senhor Deus e aos princípios éticos. A bigamia além de ser um pecado, torna-se uma maldição. Deus aprova a Monogamia, que significa ser casado com um só cônjuge. A bigamia traz aborrecimentos e vários outros problemas.

Neste tema o corpo fica mais uma vez evidenciado como templo de Deus, que precisa fazer ou realizar atos que sejam da aprovação d’Ele. O que faz algo que

não é da vontade de Deus, está pecando e não está cumprindo com a vontade divina.

Na lição bíblica do 1º trimestre de 1994, página 3, comentada por Albertina L. Malafaia, o título chama muita atenção: “O segredo da Felicidade”. Diz a autora, que escreve esta lição para um público de 15 a 17 anos, que a grande ansiedade do ser humano é a conquista da felicidade, e que a Bíblia aponta o caminho certo para tal. Relata que alcançar sabedoria é um dos caminhos para a felicidade, pois leva o homem a obediência à palavra de Deus. Na satisfação dos desejos do coração, que para Deus inclui o desejo de oferecer amor, adoração, louvor, etc, à Ele. Mas o pecado afastou o homem da presença de Deus. Por isso que a autora reforça que feliz é o homem o qual encontra sabedoria, se referenciando em Provérbios 3:13. Pois tendo sabedoria, o homem não irá pecar, não irá desagradar a Deus. O homem irá então por meio da sabedoria se santificar, se purificar e temer mais a Deus para fazer tudo conforme a vontade d’ele.

Aqui a autora subtende que o corpo é santo, e que para permanecer assim, precisa ter sabedoria. E é por meio da sabedoria que se alcança a felicidade.

Já na lição bíblica do 4º trimestre de 1998, página 38, comentada por Antonio Gilberto, se intitula: “A igreja e o trabalho feminino”. Traz no tópico verdade prática os dizeres; “O envolvimento das mulheres cristãs nas atividades da igreja tem apoio bíblico e representa uma enorme conquista do Cristianismo”. Ele relata que o trabalho feminino nas igrejas é compreensível, mas não aceitável. Desde o princípio havia participação das mulheres. Na igreja primitiva se destacava pelo seu envolvimento no serviço de assistência social, sendo a primeira a ser citada foi Dorcas em Atos 9:36-42. Não é substituir o homem em sua função dentro da estrutura social, familiar e religiosa, mas permitir que a mulher preste a sua efetiva contribuição, como indivíduo, na obra de Deus. A Bíblia respalda o trabalho feminino na igreja. Os que apelam para o que diz em I Coríntios 14:34 – “as mulheres estejam caladas nas igrejas”, fazem uma hermenêutica errada e isolada do texto, que contraria a atitude do apóstolo em reconhecer a dedicação feminina, bem como conflita com o capítulo 11:5, onde ele admite que elas orem ou profetizem. Diz concluindo que o Cristianismo resgatou a mulher e a elevou à sua verdadeira condição diante de Deus. Na igreja primitiva, ela ocupou o seu espaço e teve o seu trabalho reconhecido. Cabe à igreja, hoje, compreender que a dedicação feminina

na obra do Senhor não é menos importante do que o trabalho empreendido pelos homens.

Nesta lição a mulher não foi colocada de lado. Pelo contrário, foi engrandecida por sua eficiência e dedicação. Mesmo não citando o corpo, é relevante trazer este assunto à tona, pois em lições anteriores a mulher foi colocada como submissa. O corpo feminino à mercê do esposo. E nesta lição reconhece o valor da mulher na obra de Deus.

Já na lição bíblica do 2º trimestre de 2001, página 31, comentada por Antônio Gilberto, traz o título: “O padrão do comportamento sexual”. O comentador diz que submeter a mente ao senhorio de Cristo é a maneira correta de evitar que os pecados ligados à sexualidade (ou qualquer outro) sejam concebidos no coração do homem. A sexualidade foi outra área que o Senhor discorreu no Sermão do Monte, comenta. O Mestre expôs claramente que o sexo, por Deus criado puro no princípio do ser humano, tem sérias implicações nos relacionamentos. Portanto, a nossa correta atitude para com ele não é ignorá-lo ou tê-lo como tabu, diz o autor, mas considerá-lo sob a ótica bíblica e cristã, e assim aprendermos a lidar com esta área vital. Comenta que a Mente necessita ser disciplinada, dominar a mente, deste modo, Jesus não só reconhece este domínio da mente sobre o indivíduo, mas situa o pecado como algo que tem origem a partir do momento em que o intelecto começa a tramá-lo. Como o olhar cobiçoso é a centelha que desencadeia o processo, o Mestre firmemente o condenou, pois quando alguém chega ao ato do adultério (que é a relação extraconjugal), ou a qualquer outro pecado sexual, normalmente há uma longa história por trás, que teve início com um olhar lascivo. Isto porque, se por um lado a mente exerce domínio, por outro interage com o ambiente mediante os sentidos, entre eles a visão. Por isso vê-se a necessidade de disciplinar a mente, submetê-la ao senhorio de Cristo. O autor ainda fala sobre o Corpo disciplinado, a disciplina dos sentidos e a disciplina dos propósitos. Estar sempre de acordo com os propósitos de Deus. Fala também do compromisso conjugal, a indissolubilidade do matrimônio, onde o cristão relaciona-se com o sexo oposto, e que o Senhor passou a tratar o casamento, mediante o qual o ser humano pode expressar legitimamente a sua sexualidade. Comenta que há exceções onde cabe o divórcio, no caso de adultério. Assim o padrão bíblico da sexualidade implica desfrutá-la nos limites da indissolubilidade do casamento, cabendo a cada um disciplinar o seu corpo a partir

da mente para que possa evitar que o pecado seja concebido e resulte, com isso, na perda da comunhão com Deus.

O corpo mais uma vez aqui ressaltado, como corpo que pertence a Cristo, ao senhorio de Cristo, deve ser sempre santo, praticar atitudes que agradem ao Mestre, e que o sexo somente é permitido dentro do matrimônio.

Já na lição bíblica do 3º trimestre de 2002, página 27, comentada por Elinaldo Renovato, traz mais alguns tópicos sobre “O cristão e a sexualidade”. Vem dizendo que quando Deus formou o primeiro casal, dotou-se de estrutura físico-emocional e instinto sexual que o capacitam para a reprodução e preservação da espécie humana. O propósito de Deus é que os filhos procedam do casamento e não de outra maneira. A quebra dessa lei resulta em frutos amargos para a família. Deus assim dotou o homem para propósitos específicos, puros e elevados. Portanto, a sexualidade exerce papel fundamental e indispensável para o bom relacionamento entre os cônjuges e, como já foi dito, para a perpetuação do gênero humano, circunscrita ao plano de Deus para o matrimônio. O autor também fala que o sexo foi feito por Deus, pois Deus fez o homem, incluindo o sexo e viu que tudo era bom. As mãos que fizeram os olhos, o cérebro, também fizeram os órgãos sexuais. Aquele que criou a mente criou também o instinto sexual. No princípio, ao ser criado, o sexo era puro e sem pecado. Mas, com a transgressão de Adão no Éden, todas as faculdades do homem foram afetadas pelo pecado, inclusive o sexo. O autor complementa dizendo que Deus quis em sua soberania que o homem desse continuidade à espécie, macho e fêmea, indicando a clara e inequívoca diferenciação entre os sexos, relata de acordo com Gênesis 1:27. Só que a ordem de crescer e multiplicar não foi dada a solteiros, mas a casados se referenciando em Gênesis 1: 27-28. Diz que Deus não quis que o homem vivesse só e lhe deu uma esposa, já formada, preparada para a união conjugal. O ensino bíblico é que o homem deve desfrutar o sexo com a esposa de modo normal, racional, sadio e amoroso não com a namorada ou noiva. O autor relata que pesquisas indicam que 50% dos jovens evangélicos já praticaram sexo antes do casamento. Isto é pecado grave contra o próprio corpo, contra o Criador, contra a Palavra de Deus, contra o próximo, contra a Igreja e contra a família, diz o comentador. Ainda complementa que o sexo, fez e faz parte da constituição físico-emocional do ser humano, desde a criação, e que logo, não é correto concebê-lo como algo imoral, feio, vulgar e pecaminoso. Deus não faria nada ruim. Ele planejou e formou o homem, “a coroa da

criação”, numa totalidade, incluindo o sexo. Diz também o autor que o que tem arruinado o sexo e o tornado repulsivo por muito é o seu uso ilícito, antibíblico, antinatural, anticristão, antissocial e sub-humano. Demônios podem atuar no ser humano na área do sexo, afirma. Ele também coloca as finalidades do sexo na união conjugal, sendo uma delas a procriação, que é o ato criador do Eterno através do homem. Deus dotou o homem de capacidade reprodutiva, instituiu o matrimônio e a família, visando a legitimação desse maravilhoso e sublime processo que a mente dos mortais jamais poderá explicar. Outra finalidade do sexo é o ajustamento do casal, quando o autor considera I Coríntios 7: 1-7, levantando alguns subtópicos. O primeiro é a “prevenção”, para evitar o adultério; o segundo é o “Mútuo dever”, é o dever do amor conjugal, no que tange ao atendimento das necessidades sexuais, a que tem direito cada cônjuge; o terceiro subtópico é sobre “autoridade mútua”, dizendo que neste contexto não se trata da autoridade por imposição, mas sim pelo amor conjugal. Diga-se também que o marido não pode abusar da esposa, praticando atos ilícitos, carnis, abusivos e sub-humanos, ou vice-versa; e o quarto subtópico sobre a abstinência consentida, quando o autor diz que isto é importante no relacionamento do casal, que o casal pode abster-se por algum tempo da prática sexual, mediante o consentimento mútuo, sem haver imposição de um sobre o outro. E fazendo isto, que seja com sabedoria quanto ao tempo determinado para dedicarem-se à oração e à disciplina da vontade corporal de ambos. Outra finalidade levantada por esse autor foi a satisfação amorosa do casal. Ele comenta que existem seitas ou religiões e, até evangélicos, que proíbem o prazer do sexo alegando que a finalidade deste é somente a procriação. Isto não tem base bíblica, comenta. Vários textos nos mostram que Deus reconhece o direito de o casamento usufruir desse prazer, como por exemplo, cita o autor, o que diz em Provérbios 5: 18-23, que tem a recomendação aos cônjuges que desfrutem do sexo, sem referir-se neste caso ao ato procriativo, e que ainda neste texto é advertido ao homem, quanto à “mulher estranha”, a adúltera, e é incentivado a valorizar a união conjugal honesta e santa, exaltando a monogamia, a fidelidade. Então este autor conclui suas palavras dizendo que o sexo fora do casamento é pecado, que o sexo premarital é pecado e igualmente o extramarital, então ele faz o comentário que também é pecado a fornicção, a prática do sexo entre solteiros ou entre casado e solteiro e que o fornicário não entra no céu, conforme referencia em Apocalipse 21:8; Gálatas 5,19 e I Coríntios 6, 18. Comenta também sobre o adultério, prostituição, o

homossexualismo, que é abominável a Deus. E a masturbação, que contraria a vontade de Deus. Encerra dizendo que o crente deve orientar-se pelos princípios morais e éticos, para a sexualidade, à luz da Palavra de Deus.

Na lição bíblica do 4º trimestre de 2003, página 39, comentada por Elinaldo Renovato, tendo como consultor doutrinário e teológico, Antônio Gilberto, trouxeram o tema “Cuidando do Corpo e da Mente”. Inicia o autor dizendo que o cristão deve cuidar bem do corpo e da alma vivendo e agindo de modo equilibrado. Quando o cristão descuida-se ou esquiva-se quanto aos cuidados e providências básicas de conservação da saúde, surgem doenças no corpo e na alma que poderiam ser evitados. Ele comenta que mente e corpo são em corpo sadio, ou seja, espírito, alma e corpo. O espírito como sede das relações do homem com Deus tem muitas necessidades. A principal delas é a paz com o Criador, unicamente suprida pela mediação do Senhor Jesus. A alma centro das emoções e da personalidade precisa estar em equilíbrio com o espírito e o corpo; ela tem sede de Deus se referenciando em Salmos 42:1-2. Por sua vez o corpo só terá saúde se estiver em plena harmonia com o espírito e a alma. O equilíbrio entre a mente e o corpo é indispensável. A medicina tem constatado que a maioria das doenças, entre 60 e 70% são causadas por problemas emocionais (ansiedade, mágoas, ódio, ira, ressentimentos, etc.) Não se pode negar que o homem moderno passa por muitos conflitos e precisa resolvê-los para que encontre o equilíbrio. Só consegue estabilizar-se quando dá lugar à paz espiritual concedida por Jesus, comenta o autor. Ainda fala que há inúmeras doenças que se originam das tensões emocionais. Dentre elas destacam-se as úlceras, colite, perda de apetite, hipertensão, arteriosclerose, trombose, tensão pré-menstrual, impotência, frigidez, dores de cabeça, desatinos, diabetes, obesidade, etc. e devem-se considerar as doenças psicossomáticas. Há crentes que guardam rancor e se enchem de amargura, mágoa, ressentimento e até ódio. Estes sentimentos causam tensão que pode levar a um desfecho fatal. A palavra de Deus adverte: Não erreis: Deus não se deixa escarnecer, porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará, retirado de Gálatas 6:7. Então, explica o autor, que a garantia do plano de saúde divino está nas atitudes que devemos tomar concernentes à nossa relação com Deus, tendo obediência, retidão e cumprir os mandamentos. O crente precisa ter cuidado com o corpo tendo uma alimentação saudável, para cuidar do templo do espírito santo que é o corpo. Ter repouso adequado, para não maltratar o corpo. Ele comenta que alguns jovens e

adolescentes trocam o repouso para jogarem vídeo games, e por não dormirem o suficiente, muitos têm ficado neuróticos e até dementes. Mas não pode dormir demais, para não se tornarem preguiçosos. Outro item citado pelo autor é a prática de atividade física. Ele comenta que a Bíblia diz: “Examinai tudo. Retende o bem” conforme está escrito em I Tessalonicenses 5:21. Se os ímpios podem beneficiar-se dos exercícios físicos, porque os servos de Deus não o podem? Cuidar do corpo, caminhar, praticar ciclismo, natação ou outro tipo de atividade física com orientação médica, só faz bem à saúde. Deus sempre cuida dos seus servos. Mas se deve fazer o que está ao nosso alcance nesse sentido. Então conclui dizendo que a doença é resultante do pecado e, também de nosso descuido com o corpo e com a mente. Preciso cuidar da saúde com oração, meditação na Palavra de Deus, louvor, adoração e jejum que só fazem bem à mente e ao corpo. Deve-se fazer uso da boa alimentação, que traz benefícios ao corpo e praticar exercícios físicos apropriados para cada idade.

O autor nesta lição retratou como Deus fez o homem, como é constituído o homem. Como ter equilíbrio entre o corpo e a mente. E ressalta a saúde espiritual e a saúde física, quando devemos nos cuidar para venhamos a ter saúde plena em corpo, alma e espírito.

Na lição bíblica do 4º trimestre de 2003, página 22, comentada por Elienai Cabral, tendo como consultor doutrinário e teológico, Antônio Gilberto, trouxe como título “A mordomia do corpo.” Aqui o autor inicia a lição falando sobre a natureza material do corpo, a estrutura do corpo humano, e que Deus fez o homem do pó da terra, e a ciência afirma que o corpo é constituído de vários elementos químicos terrígenos, tais como cálcio, carbono, cloro, flúor, hidrogênio, tintura de iodo, ferro, magnésio, manganês, nitrogênio, oxigênio, fósforo, potássio, silicone, sódio, enxofre, e que eles não ultrapassam 6% de todo o corpo e o restante é composto de água, carbono e gases. Então ele conclui este item, dizendo que esta é a parte material do ser humano. Mas também fala das ilustrações tipológicas da natureza material do corpo. Inicia falando a respeito do “Tabernáculo ou tenda”, se referindo ao corpo como algo provisório, assim como o Tabernáculo o era para Israel, na sua peregrinação pelo deserto. Diz que nosso corpo é o tabernáculo ou santuário de Deus, que é o cristão verdadeiro. O corpo é o invólucro da alma e do espírito que um dia dará lugar a um corpo espiritual, glorioso e incorruptível. Assim como o tabernáculo de Israel exigia cuidado para a sua manutenção e preservação, nosso

corpo material requer atenção, zelo, manutenção e pureza. Em seguida o autor comenta sobre “O Templo de Deus”, que nosso corpo deve ser o templo de Deus e para sua glória. A mordomia do corpo fala o autor, que implica reconhecer que o mesmo é de Deus, e deve ser conservado santo e agradável a Ele. Também relata sobre “Vaso de Barro”, essa designação teve o autor objetivo de mostrar a fragilidade do nosso corpo e, também destacar a importância e utilidade desses vasos para a obra de Deus. Diz em sequência nesta lição, sobre as consequências do pecado contra o corpo, pois trazem consequências negativas tanto para a pessoa que o pratica, quanto para outras que são levadas a cometer tais pecados. O autor comenta das doenças sexualmente transmissíveis, que são resultado de uma vida promíscua e sem respeito às leis divinas, e que comprovadamente, essas doenças resultam de relações sexuais ilícitas, então que só o pecado pode produzir esses males contra o corpo e contra a alma. Também comenta sobre a Toxicomania, que é a utilização de drogas narcóticas. Tal dependência, relata, está vinculada a impulsos psicológicos e emocionais e provoca conflitos íntimos, dando origem a neuroses, além de males de toda a espécie contra o usuário, sua família, as autoridades e a sociedade em geral. Outro tópico abordado pelo autor é o Alcoolismo e tabagismo, que segundo o autor são dois grandes males da nossa sociedade, e que infelizmente, fazem parte do status. Diz que a mordomia bíblica do corpo abstém-se e condena formalmente esses dois males que tanto prejudicam a pessoa no seu todo e não apenas o seu organismo e sua saúde. A Bíblia, diz o autor, está cheia de conselhos para que o corpo humano seja mantido puro, saudável, pois nele deve habitar o Espírito Santo, e a palavra de Deus enfatiza a temperança como fruto do espírito, e que devemos cuidar de nosso corpo de modo que, através dele, glorifiquemos a Deus.

Nesta lição o autor enfatizou que o corpo por si mesmo não peca. Seus membros não possuem poder algum sem a alma. Portanto, compete ao homem submeter-se à ação regeneradora do sacrifício de Cristo, para apresentar-se puro, primeiro perante Deus; depois perante a sociedade.

Passeando por estes relatos nas lições da revista da Escola Dominical nos anos de 1965 até o ano de 2003, fica claro e evidente que o corpo é templo, morada de Deus. E se faz necessário cuidar dele nos quesitos espirituais e físicos. E que precisa ser pensada cada ação de um crente, para não desagradar a Deus.

Autoras, como Soares (2006) e a própria Sant'Anna (2006), afirmam que o corpo é sempre simbólico pois é construído a partir de liberdades e de interdições. O corpo dá visibilidade ao humano e aos seus mistérios, ele revela os modos de vida de uma sociedade. O corpo possui múltiplos sentidos e, portanto, merece múltiplos olhares. Olhares estes, norteados por diversos saberes. Assim como a ciência tenta desvendar o corpo para melhor controlá-lo, a religião sempre tentou discipliná-lo baseado em outro tipo de conhecimento, o mítico.

Verifica-se então que na visão dos vários autores das lições pesquisadas, é comentado sobre o corpo em suas diferentes áreas. O que deixa claro em todos os estudos, é que o corpo para essa denominação, sempre será morada do Senhor, sofrendo então algumas repreensões, abstenções, sacrifícios, para agradar a Deus e serem fiéis à doutrina.

CONCLUSÃO

No término desta pesquisa, refletindo sobre os dados colhidos, chego na parte final deste texto com alguns pontos que cabem ser ditos para possibilitar a reflexão sobre o tema.

Considero importante cada passo da pesquisa, pois me fez entender que a religião exerce um papel significativo na educação dos corpos dos indivíduos que dela fazem parte.

Concluo que não é a religião em si que educa seus membros, mas o que ela significa para cada um, num processo de vida em que os próprios significados se alteram e tomam outros valores com o passar do tempo. Se partirmos do pressuposto de que toda a convivência com as diversas culturas e os diversos grupos sociais educam os indivíduos, e que a Igreja é só um deles, então concluimos que há uma enorme diversidade de corpos e de gestos presentes na sociedade. A religião e a escola exercem grande influência de moldar o ser humano, bem como toda a realidade que o cerca.

Creio que as tentativas de educação e moralização dos corpos dos membros da Assembleia de Deus significam para seus líderes a possibilidade de controle sobre cada fiel. Se imposições não fossem direcionadas ao corpo, não haveria como se ter controle sobre o indivíduo, visto que o que se passa no íntimo (na alma) de cada um é algo que está fora do alcance e, principalmente, fora dos olhos do líder.

Sendo assim, o controle do corpo do fiel é indissociável do controle geral que os líderes religiosos desejam exercer sobre cada membro de sua Igreja. O fato é que este controle exercido sobre o corpo dos fiéis se propaga além das paredes da Igreja, chegando, inclusive, até à escola, onde as crianças da Igreja, em muitos casos, deixam evidente uma educação corporal específica. O fato de usarmos nossos corpos de forma diferente, apenas reflete a real diversidade cultural presente em nossa sociedade. Afinal, não somente os evangélicos, como todos nós, temos modos diferentes de nos comportarmos e de agirmos. Nossas gestualidades são reflexos de diversos aprendizados no decorrer de nossas vidas. Assim, é possível retomar o comentário de Geertz (1989) sobre a religião estar muito mais próxima da emoção e do sentimento do que do pensamento e da razão.

Diante da verificação dos estudos dados pela Igreja Assembleia de Deus, nas lições bíblicas das revistas utilizadas na escola dominical, dos anos de 1965 até

2003, conforme descritos no capítulo três desta pesquisa, fica evidente que o corpo é assunto que permeia de quando em quando, os ensinamentos desta instituição. Alguns autores das lições deixaram claro que, para a Assembleia de Deus, o corpo é templo, tabernáculo, morada, casa de Deus. O corpo é para Deus e Deus é para o corpo. Mesmo nas questões sexuais, quando o autor enfatiza a questão de Deus ter feito o homem e mulher para usufruírem do prazer sexual, vem a questão da pureza, de ser somente para os casados, e que Deus não aprova as fornicções, prostituições, masturbação, etc. Em todos os contextos abordados pelas lições, ficou claro que a igreja ensina os fiéis a sempre estarem obedecendo a palavra de Deus, aos ensinamentos dados por ela.

Não há como negar que a igreja tem sempre o intuito de conter os corpos de seus fiéis. Seja através de vestimentas específicas, das diversas proibições que acarretam o sentimento de medo nos fiéis e, ainda, da vigilância que ocorre entre os próprios membros da Igreja. A religião educa e modela corpos de forma simétrica e padronizada. O significado social em que se sustenta o poder coletivo da Igreja está justamente na vigilância de uns sobre os outros. Ou seja, os corpos estão sempre sob a vigilância atenta de olhares que cobram, julgam e punem determinados tipos de comportamento. Nesta vigilância o que se cobra simbolicamente é que os vigiados não “saiam da linha”. Há uma linguagem que dita como um indivíduo evangélico deve se comportar diante da sociedade. Diante disto, retrata a lição sobre ser exemplo e dar testemunho.

Como foram os alunos evangélicos das aulas de educação física que eu ministrava que me motivaram a pesquisar este tema, acho necessário dizer então, que na educação física, se trabalha com a cultura do movimento, e então é necessário trabalhar com a diferença e com as inúmeras técnicas corporais presentes nos alunos. Se não fosse assim, entendo que a Educação Física não teria sentido enquanto conteúdo escolar. Para fazer sentido, a Educação Física não pode ignorar a questão da diversidade dos alunos buscando formar corpos iguais e, sim, levar os alunos à compreensão de que a diferença não só é comum como é algo bom se devidamente tratada.

O fato é que os alunos evangélicos da Assembleia de Deus, que se comportavam, por meio dos movimentos corporais, de forma diferenciada dos demais nas minhas aulas, pois o uso de saia pelas meninas dificultava a realização dos exercícios físicos da aula, a obrigando fazê-lo da forma que era possível

realizar. Estes alunos tinham intrínseco em si, a formação religiosa, que a denominação o ensinava, e complemento dizendo que os pais também exercem influência para com os filhos visto que a igreja ensina a todos os seus fiéis, embora alguns se dão por rebeldes não querendo obedecer, os mesmos costumes e doutrinas. É inegável a quantidade de pessoas que são educadas tendo como um dos meios a religião. Isto significa que não há como ignorar a relevância de se pensar o fenômeno religioso ao se trabalhar com uma disciplina como a Educação Física, a qual circula absoluta sobre as questões corporais. A religião, sendo um fenômeno que molda e revela muito do que o ser humano é e acredita, também deve ser tema de reflexão pelos professores de Educação Física.

Daolio (2007) fala sobre como podemos considerar o corpo humano como algo dotado de eficácia simbólica e rico em significados. O autor complementa que:

Podemos vê-lo (o corpo) a partir de seu significado no contexto sociocultural onde está inserido. Podemos considerar, ao invés de suas semelhanças biológicas, suas diferenças culturais; podemos reconsiderar nossos critérios de análise sobre o corpo, fugindo de padrões preconceituosos que durante muitos anos subjugaram e excluíram pessoas da prática de educação física. Podemos substituir padrões inatistas por critérios mais dinâmicos e culturais na intervenção promovida pela área (DAOLIO, 2007, p.8).

Por um lado então a educação física dentro de um contexto da indústria cultural fala a respeito do belo, do corpo belo, e a Assembleia de Deus reforça a ideia de templo, casa, tabernáculo de Deus. Que os adornos materiais são desnecessários, mas os adornos espirituais que enriquecem a alma são os mais valiosos e têm significado para o crente.

De um lado a Educação Física auxilia no bem estar e na saúde do ser humano, sem abordar questões espirituais, mas o interessante é que em uma das lições discutidas no capítulo 3, o comentador frisou a questão da saúde do corpo. Disse que além de cuidar da saúde da alma, há a necessidade de cuidar da saúde física, para que o templo de Deus esteja sempre saudável. A relação da Educação Física com a Assembleia de Deus se estreita com este comentário. O que chama a atenção é que se foi ensinado assim pelas lições comentadas anteriormente, que além de cuidar da alma e do espírito para cumprir com a vontade de Deus, e que se deve cuidar do corpo com atividades físicas, porque alguns fiéis se mantêm tão

fechados em relação a estes ensinamentos, não praticando atividade física e ensinando seus filhos a não praticarem também?

As raízes trazidas nos pais são fortíssimas e eles vão passando de geração a geração. Ressaltando que cuidar do corpo com atividades físicas seria vaidade, e vaidade não agrada a Deus.

Finalizo minhas palavras dizendo que não é somente a educação religiosa que faz com que uma pessoa seja o que ela é. Não somos apenas o que a escola fez de nós, nem o que a igreja ou mesmo a educação dada pelos nossos pais fizeram de nós. Somos uma “mistura” de todas estas formas de educação que vivenciamos ao longo de nossas vidas e que dão sentido a ela. Portanto, um membro da Assembleia de Deus não se utiliza de determinadas técnicas corporais simplesmente porque ele é evangélico, mas porque diversos processos de educação que ele recebeu (onde significativamente se inclui a educação religiosa) o levaram a ser do jeito que é.

Fica evidente que vivemos em meio de uma diversidade cultural, rica de significados em suas mais diferentes maneiras de se expressarem, e que por meio destas expressões, percebemos que não somente a religião ensina que se faça, mas o que cada ação, gesto, atitudes significam para o fiel.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Indústria cultural e sociedade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.

ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. *O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma*. Revista Movimento, Porto Alegre, v.14, n.1, p.199-223, janeiro/abril de 2008.

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. – 3 ed. revista - São Paulo: Moderna, 2003.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BANDINI, C. *Corpo, religião e identidade social: marcas simbólicas da experiência pentecostal notas de uma pesquisa*. Mandrágora, São Bernardo do Campo, SP, v. 9, n. 10, p.40-48, 2004.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Martins Fontes, 1977.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. *Educação do Corpo: Produção e reprodução*. (Tese em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BERG, D. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

BERTOLLI FILHO, C.; OBREGON, R. *Corpo, Comunicação e saúde. Ciência & Educação*. Bauru, v. 6, n. 1, p. 55-63, 2000.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física*. Campinas, SP: Papyrus, 1998. (Coleção Fazer/Lazer)

BRACHT, Valter. *Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais (quinta a oitava séries)*. Brasília: MEC/SEF, 1998 a.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Temas transversais (quinta a oitava séries)*. Brasília: MEC/SEF, 1998 b.

BROWN, Peter. "Agostinho: sexualidade e sociedade". *Corpo e sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 318-351, 1990.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: A História que não se conta*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

_____. *Política educacional e educação física*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 60)

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1998.

CORREA, Marina, A. O. S. – *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil* – Tese de doutorado, São Paulo, PUC / São Paulo, 2012.

COUTO, Cláudio Gonçalves. *O desafio de ser governo*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CUNHA, Luiz Antônio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

DAÓLIO, Jocimar. *Educação Física e conceito de cultura*. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção polêmicas do nosso tempo)

_____. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

DEL PRIORE, Mary (org.). "*Magia e Medicina: o corpo feminino no Brasil colonial*". In *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997, pp.78-114.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo, Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/EDUNB, 1993.

DEL PRIORE, Mary. "*A história do corpo e a Nova História: uma autópsia*". In *Revista USP*. São Paulo, nº 23, set./nov., 1994, pp.48-55 (Dossiê Nova História).

DEL PRIORE, Mary. "*Amor e Desamor: a história do corpo feminino em São Paulo no século XVIII*". In *Impressões - Feminismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Rede de Artes e Literatura Feminista, nº 0, dez., 1987, pp.40-64.

DEL PRIORE, Mary. "*Dossiê: a história do corpo*". In *Anais do Museu Paulista - História e Cultura Material, Nova Série*, São Paulo, USP, vol. 03, jan./dez. 1995, pp. 09-24.

DEL PRIORE, Mary. *Viagem pelo imaginário do interior feminino*. Rev. bras. Hist. vol.19 n.37 São Paulo Sept. 1999, Disponível no site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881999000100009&script=sci_arttext

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DESCARTES, René. O discurso do método. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 25-71. (Coleção Os Pensadores)

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FENTERSEIFER, Paulo Evaldo. *Corporeidade e formação profissional na Área de Saúde*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: CBCE/ Autores Associados, v.27, n. 3, maio. 2006, pp. 93-102.

FOREVILLE, Raimunda. *Lateranense IV*. Vitória: Editorial Eset.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. O uso dos prazeres. 9ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. A vontade de saber. 14ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREIRE, João Batista. *De corpo e alma: o discurso da motricidade*. São Paulo: Summus, 1991. (Novas Buscas em Educação; v.40)

GEERTZ, C. *O futuro das religiões*. Folha de São Paulo, 14 maio 2006. Caderno Mais, p. 10.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª ed., 1997.

_____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GHIRALDELLI Jr. Paulo. *Educação Física progressista: a pedagogia crítico – social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Loyola, 2001.

GO TANI; MANOEL, Edison de Jesus; KOKUBUN, Eduardo; PROENÇA, José Elias. *Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. In GONZALEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFFER, Paulo Evaldo. *Dicionário crítico de Educação Física / Org. Fernando Jaime González, Paulo Evaldo Fensterseiffer*. 2 ed. Rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

GONÇALVES, Maria A. S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

GONÇALVES, Aguinaldo; VILARTA, Roberto (Org.). *Qualidade de vida e atividade física: explorando teoria e prática*. Barueri: Manole, 2004.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. *Treino, culto e embelezamento do corpo: Um estudo em academias de ginástica e musculação*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.26, n.1, p.135-152, set. 2004.

HORKHEIMER, Max. *Teoria crítica I: uma documentação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 14 de abril de 2013.

KUNZ, Elenor. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1991.

_____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

LAQUEUR, Thomas. "Da linguagem e da carne". *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 13-40.

LAQUEUR, Thomas. "Destino é anatomia". *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 41-88.

LAQUEUR, Thomas. *La fabrique du sexe - essai sur le corps et le genre en Occident*. Paris: Gallimard, 1992, p.17.

LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. "História de um esquecimento". *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 15-32.

LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. "Quaresma e carnaval". *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 33-58.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião e tecitura da vida cotidiana* – Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2012.

LIÇÕES BÍBLICAS – para as escolas dominicais. De 1965 à 2003. – Rio de Janeiro / RJ – Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

LUDKE, M., ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. Temas básicos de educação e ensino.

LUKÁCS, Georg. *A reificação e a consciência do proletariado*. In: LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 193-411.

M. D. Garnier; GODDARD, Jean-Christophe e LABRUNE, Monique (Orgs.). *Éléments pour une pensée chrétienne du corps*". In *Le corps*. Paris: Vrin, 1992, p.72.

MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa*. 2 ed. revista – São Paulo: Loyola, 1994.

MACEDO, E. *Esse corpo das ciências é o meu?* In: AMORIM, A. C. et al *Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa*. Niterói: Eduff, 2005. p.131-140.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDINA, João Paulo Subirá. *O Brasileiro e seu corpo: Educação e política do corpo*. 2 ed. - Campinas: Papirus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7.ed. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

PACHECO, Alfredo. *"Bricolagem: segredo assembleiano"*. In: **Mensageiro da Paz**. Setembro de 2006, nº 1.456, ano 76, pag. 27.

PEREIRA, Bernardo. *Anacefaleosis médico, teológica, mágica, jurídica, moral e política*. Coimbra, Francisco de Oliveira, s/d.

PORTER, R. História do corpo. In: BURKE, P. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 291-326.

RIGONI, A. C. C. *Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a educação física escolar*. Campinas, SP: [s.n], 2008. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

RODRIGUES, J. C. *O corpo na História*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

ROSSIAUD, Jacques. “Sexualidade”. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, vol. 02, p. 477–494.

SANT’ANNA, Denise B. (Org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT’ANNA, Denise. *É possível realizar uma história do corpo?* In: SOARES, Carmem Lúcia. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

_____. *Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: SANT’ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121- 139.

SCOTT, Joan Wallach. 1996. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: S.O.S. Corpo.

SHIMAMOTO, D. *As representações sociais dos professores sobre o corpo humano e suas repercussões no ensino de ciências naturais*. Tese (Doutorado). São Carlos: UFSCar, 2004.

SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade*. Ana Márcia Silva. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SILVA, E. P. Q. *Quando o corpo é uma (dês) construção cultural*. In: Amorim, Antônio Carlos; *et al* Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, 2005. p. 141-150.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. prefácio Denise Bernuzzi de Sant'Anna, Dulce Maria Pompêo de Camargo e Heloísa Helena Pimenta Rocha. 4ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea)

_____. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

SOARES, C.; FRAGA, A. B. *Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes as carnes humanas alinhadas*. In: *Pro-Posições*. Campinas, v. 14, n. 2, maio/agosto, 2003. p. 77-90.

TALAMONI, A. C. B. *Corpo, ciência e educação: representações de jovens estudantes e seus professores acerca do corpo humano*. Dissertação (mestrado). Bauru: UNESP, 2007. 225 p.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini; BERTOLLI FILHO, Claudio. *Corpo e educação: as representações de professores do ensino fundamental*. Disponível no site <http://www.foco.fae.ufmg.br/pdfs/1076.pdf>, visitado em 09/11/2012.

THEML, Neyde. 1998. "*História e imagens: ordem e transgressão do corpo nos vasos atenienses*". In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *História e Imagem*. Rio de Janeiro: UFRJ- Capes, p. 305-319.

TRIVELATO, S. L. F. *Que corpo/ ser humano habita nossas escolas?* In: Amorim, A. C. *Et al* Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, 2005. p.121-135.

VINGREN, I. *Despertamento Apostólico no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

VINGREN, I. *Diário do Pioneiro GUNNAR VINGREN*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

VIVES, José.& MARÍN, Tomás (orgs). *Concílhos Visigóticos e Hispano-Romanos*.
Barcelona/Madrid: Instituto Enrique Flórez.